



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

NAIANE ANGÉLICA ALVES BORGES

SOBRE LEITORES E MEDIADORES: histórias de alunos do 5º ano do ensino
fundamental

CATALÃO – GO
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Naiane Angélica Alves Borges

3. Título do trabalho

SOBRE LEITORES E MEDIADORES: Histórias de Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo

orientador) Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);



b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica; - Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

https://sei.ufg.br/sei/documento_consulta_externa.php?id_acesso_externo=409838&id_documento=4422472&id_orgao_acesso_externo=0&infra... 1/2 05/10/2023 09:31 SEI/UFG - 4078759 - Termo de Ciência e de Autorização (TECA)



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Lopes Rossi, Usuário Externo**, em 03/10/2023, às 08:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **NAIANE ANGÉLICA ALVES BORGES, Discente**, em 05/10/2023, às 10:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4078759** e o código CRC **1524479F**.



NAIANE ANGÉLICA ALVES BORGES

SOBRE LEITORES E MEDIADORES: histórias de alunos do 5º ano do ensino
fundamental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDUC, da Unidade Acadêmica Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Catalão, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação. Linha de pesquisa: Leitura, Educação e Ensino da Língua Materna, e Ciências da Natureza.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Aparecida Lopes Rossi.

CATALÃO – GO

2023



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Borges, Naiane Angélica Alves

SOBRE LEITORES E MEDIADORES: História de alunos do 5º ano do ensino fundamental / Naiane Angélica Alves Borges. - 2023.
92, f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Rossi.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Faculdade de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão, 2023.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Leitura. 2. Leitores. 3. Mediação. I. Rossi, Maria Aparecida Lopes, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DE Nº.277 SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE **NAIANE ANGÉLICA ALVES BORGES**.

Aos vinte e nove dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três, às 14:30 horas, no Miniauditório Sérgio Pereira da Silva - Universidade Federal de Catalão (UFCAT), reuniram-se os componentes da banca examinadora, a Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Rossi - PPGEDUC/FAE/UFCAT - Orientadora; Profa. Dra. Mariana Batista do Nascimento Silva - PPGEDUC/FAE/UFCAT - Membro Interno; Profa. Dra. Andrea Del Larovere - FAE-UFCAT - Membro Externo, para, em sessão pública de exame de Defesa de mestrado, de **Naiane Angélica Alves Borges**, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Catalão, área de Concentração Educação, com trabalho intitulado “SOBRE LEITORES E MEDIADORES: Histórias de Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental”. A sessão foi aberta pela presidenta da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida a discente que, procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinanda. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, as arguidoras atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: DEFESA APROVADA, fazendo jus, portanto, ao título de **Mestra em Educação**, de acordo com o art. 57 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT Em transição. A Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo art. 2. A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE-UFCAT, aos vinte e nove dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Ba sta Do Nascimento Silva, Professora do Magistério Superior**, em 29/08/2023, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#)



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Del Larovere, Professor do Magistério Superior**, em 29/08/2023, às 16:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Lopes Rossi, Usuário Externo**, em 30/08/2023, às 07:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3947385** e o código CRC **AB0D6709**.

Referência: Processo nº 23070.044330/2023-83 SEI nº 3947385



NAIANE ANGÉLICA ALVES BORGES

SOBRE LEITORES E MEDIADORES: histórias de alunos do 5º ano do ensino
fundamental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal de Catalão, para o Exame de Defesa em: 29
de Agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Lopes Rossi
PPGEDUC/UFCAT – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Andrea Del Larovere
UFCAT

Prof.^a Dr.^a Mariana Batista do Nascimento Silva
PPGEDUC/UFCAT – Orientadora



“Nós vivemos e respiramos palavras”. Cassandra Clare

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela saúde, fé e perseverança que tem me dado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDUC, em especial à linha 3 - Leitura, Educação e Ensino da Língua Materna, e Ciências da Natureza, por ter me admitido no Curso de mestrado. À meus amigos da turma de 2021, pela troca de conhecimentos, apoio e pelas aprendizagens que construímos juntos. A todos os docentes que contribuíram para a minha formação.

Ao meu primo Yago pelo apoio, e incentivo a prosseguir e por não ter me deixado desistir.

A toda comunidade escolar onde foi realizada a pesquisa, que me acolheu e tornou possível a construção desses conhecimentos. Em especial, à diretora, coordenadora, os professores e alunos do 5º Ano A e B.

À banca examinadora composta pelas: Profa. Andrea Del Larovere e Profa. Mariana Batista do Nascimento Silva, pela atenção e a colaboração destinada a esta pesquisa.

E em especial à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Rossi, pela sabedoria, dedicação, paciência e incentivo com o qual orienta a minha dissertação, sobretudo por não ter desistido de mim e por suas contribuições que enriqueceram meu conhecimento.

RESUMO

A presente pesquisa está inserida na linha de pesquisa 3: Leitura, Educação, Ensino da Língua Materna e Ciências da Natureza do curso de Pós-Graduação em Educação - PPGEDUC da Universidade Federal de Catalão - UFCAT. O objetivo geral foi: problematizar quem são as pessoas que incentivaram, mediaram a leitura de alunos considerados leitores do 5º ano do Ensino Fundamental. De modo específico, pesquisar as estratégias de leitura utilizada pelos mediadores; conhecer o percurso escolar de alunos considerados leitores; por fim, identificar como a escola contribui com a formação de alunos leitores. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, apoiada nos pressupostos da pesquisa exploratória, a fim de compreender quem são os incentivadores e mediadores de leitura no processo de formação dos alunos leitores participantes do estudo, mais precisamente, os alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas (individual e coletivas) para coletar os dados analisados nessa pesquisa, respaldados metodologicamente nos trabalhos de Lüdke e André (2013), Bogdan e Biklen (1994), entre outros. Buscamos reconhecer a mediação de leitura como fonte de pesquisa e análise, que permitam compreender como se dá a formação do leitor, visando pensar a mediação diretamente relacionada ao aprendizado integral do aluno. A investigação pautou-se na seguinte problemática: Quem foram os mediadores de leitura de alunos considerados leitores do 5º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública? Evidenciamos pelas análises que alguns alunos não se consideram leitores, como afirmaram no início dos questionário, mas, posteriormente, nos mostraram diante das outras perguntas, que se identificam com a prática leitora, mesmo que eles ainda não percebam. Já nas análises das entrevistas elencamos três eixos de discussão: Mediadores e suas práticas; As práticas de leitura adotadas pelas alunas; Elementos que instigam a leitura. Os relatos das alunas enfatizaram a contribuição da família e das práticas utilizadas pelas professoras no gosto pela leitura. Sobretudo, podem esses relatos servir como reflexão sobre os incentivos dos mediadores em sala de aula.

Palavras-chave: Leitura. Leitores. Mediação.

ABSTRACT

The present research is inserted in the research line 3: Reading, Education, Teaching of the Mother Language and Natural Sciences of the Graduate Course in Education - PPGEDUC of the Federal University of Catalão - UFCAT. The general objective was: to problematize who are the people who encouraged, mediated the reading of students considered readers of the 5th year of Elementary School. Specifically, research the reading strategies used by the mediators; get to know the school career of students considered readers; finally, identify how the school contributes to the formation of reading students. The methodology adopted was qualitative research, based on the assumptions of exploratory research, in order to understand who are the encouragers and mediators of reading in the training process of student readers participating in the study, more precisely, students of the 5th year of Elementary School. Semi-structured interviews (individual and collective) were carried out to collect the data analyzed in this research, methodologically supported by the works of Lüdke and André (2013), Bogdan and Biklen (1994), among others. We seek to recognize the mediation of reading as a source of research and analysis, which allow us to understand how the formation of the reader takes place, aiming to think of mediation directly related to the integral learning of the student. The investigation was based on the following problem: Who were the reading mediators of students considered readers of the 5th year of elementary school in a public school? We evidenced through the analyzes that some students do not consider themselves readers, as they stated at the beginning of the questionnaires, but, later, they showed us before the other questions, which they identify with the reading practice, even if they still do not realize it. In the analysis of the interviews, we listed three axes of discussion: Mediators and their practices; The reading practices adopted by the students; Elements that encourage reading. The students' reports emphasized the contribution of the family and the practices used by the teachers in the taste for reading. Above all, these reports can serve as a reflection on the incentives of mediators in the classroom.

Keywords: Reading. Readers. Mediation.

LISTA DE ABREVIATURAS

Abreviatura	Significado
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UFCAT	Universidade Federal de Catalão
UFG	Universidade Federal de Goiás

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Pesquisas Seleccionadas da BDTD.....	09
Quadro 2: Livros Favoritos das alunas entrevistadas.....	53
Quadro 3: Mediadores e suas práticas.....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
Diálogo com as pesquisas recentes.....	09
Capítulo I – A formação do leitor e o papel da mediação nesse processo.....	14
1.1.Concepção de leitura assumida na presente investigação.....	14
1.2.Ser Leitor.....	18
1.3.A mediação na formação do leitor.....	20
1.4. A formação do leitor.....	25
Capítulo 2 –Caminhos Percorridos.....	29
2.1. Lócus da pesquisa.....	31
2.2. Participantes da pesquisa.....	32
2.3. Processo de coleta de dados.....	33
Capítulo 3 – O que dizem os alunos do 5º Ano.....	35
3.1Alunos que disseram não gostar de ler e não se consideram leitores.....	35
3.2. Alunos que disseram gostar de ler e não se consideram leitores.....	41
3.3 Alunas que afirmaram gostar de ler e se consideram leitoras.....	45
4. Entrevistas: Histórias das alunas consideradas leitoras.....	47
4.1 Entrevista Coletiva: Um diálogo entre leitoras do 5º Ano.....	58
4.2 Mediadores e suas práticas	58
4.3 As práticas de leitura adotadas pelas alunas.....	63
4.4 Elementos que instigam a leitura.....	66
Considerações Finais.....	68
REFERÊNCIAS.....	74
Apêndices.....	80

INTRODUÇÃO

Reconheço a leitura como prática indispensável na constituição do indivíduo, de modo particular, considero que a prática da leitura contribuiu para a constituição da pessoa que sou. Desenvolver uma pesquisa na área da leitura me é particularmente interessante, pois a leitura foi fator fundamental na minha formação. Quando era criança adorava ler, era como se ao ler um livro, estivesse vivendo aquela história. À medida que fui crescendo, aumentava o desejo pela leitura, principalmente pelos livros de literatura estrangeira (traduzidos), como *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Bronte, *A Bela e a Fera* de Gabrielle Barbot de Villeneuve (adaptação *Disney*), entre outros que se somam à minha lista.

Em 2014, entrei na Universidade Federal de Goiás (UFG) – Regional Catalão pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) no curso de Pedagogia. O interesse por esse curso surgiu pelo incentivo dos meus pais, pois na minha infância, eu reproduzia os conteúdos que aprendia na escola, com meus pais, minhas bonecas e com minhas amigas, brincando de ser professora e, à medida que fui crescendo, meu interesse pelos estudos, por ser professora e, principalmente, pela leitura aumentaram.

Meus professores, assim como meus pais, tiveram grande contribuição nesse processo por terem me incentivado a ler, a produzir textos e por me propiciarem um envolvimento com a leitura que me estimulou desde o início da escolarização. Ao ingressar na graduação, voltei meu interesse para o ensino de leitura e a formação de leitores. Tais interesses me levaram a pesquisar sobre essas temáticas. No trabalho de conclusão de curso realizei pesquisa, intitulada “Formação do leitor: O que dizem as pesquisas do GT 10 da ANPEd.” A partir desse trabalho, quando pesquisei os trabalhos publicados no GT-10 nomeado “Alfabetização, Leitura e Escrita” da ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, foi possível perceber que a questão mais fundante nas pesquisas analisadas foi a mediação, sendo tomada como facilitadora do encontro entre os leitores e a leitura. (BORGES, N. A. A, 2017)

Acredito que a mediação de leitura realizada primeiramente pelos meus avós, através dos contos e causos compartilhados oralmente sobre seu passado, piadas, relatos de assombrações, relatos de como era a cidade/roça na época de mocidade deles, dentre outras histórias, provocaram em mim a curiosidade em escutar e saber mais sobre as suas histórias. Posteriormente, o incentivo que tive dos meus pais, pelo gosto deles pelos gibis e histórias em

quadrinhos do Tio Patinhas, Mancha Negra, Pato Donald, Mickey e Minnie, os quais liam e compravam para mim e meus irmãos, aumentava ainda mais meu gosto pela leitura. Também posso incluir, na minha formação leitora, as contribuições de meus professores desde o início da minha alfabetização, por meio das leituras em voz alta de livros de contos de fadas e fabulas realizadas por eles. Considero assim, que essas mediações e incentivos foram fatores fundamentais na minha constituição como leitora. Como lembra Abramovich:

A iniciação com as maravilhanças de uma história acontece, em geral, adentrando pelos ouvidos da criancinha. É a voz da mãe, do avô, do tio visitante, da primeira professora que chama sussurrante para a gostosura de se embalar na lindura dum conto de fadas, num episódio da Bíblia ou na magia duma lenda, dum poema brincante, na aventura de outra criança parecida com ela... Se a história for acalentadamente contada o encantamento envolve abraçante e o gostinho de quero mais e mais... permanece marcante e marcando (ABRAMOVICH, 1999, p.61).

Sendo assim, reconheço a mediação como um instrumento indispensável na formação leitora, pois entendo por mediação o ato de promover e incentivar o prazer pela leitura, permitindo diversas experiências com o livro, e-book, dentre outros suportes de leitura. Portanto meus professores, assim como meus pais, tiveram grande contribuição nesse processo, por terem me incentivado a ler, a produzir textos e por me propiciar um envolvimento com a leitura que me estimulou desde o início da escolarização.

É nesse contexto que busco reconhecer a mediação de leitura como fonte de pesquisa e de análise, que permite compreender como se dá a formação do leitor, visando pensar a mediação diretamente relacionada ao aprendizado integral do aluno. Logo, essa pesquisa sugere a seguinte problemática: Quem foram os mediadores de leitura de alunos considerados leitores do 5º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública?

A escolha do tema, se justifica, pois pela leitura, o aluno desenvolve seu potencial crítico, da mesma maneira, ele pode questionar, pensar, duvidar, ou seja, o leitor começa a querer saber mais, muda de opinião, desconstrói conceitos, interpreta, se apropria. FOUCAMBERT (1994), ANTUNES (1937). O enfoque no 5º Ano do Ensino Fundamental I se deve, por ser o período em que, geralmente, se conclui o processo de alfabetização, quando a leitura é (deveria ser) amplamente praticada. Partindo destes pressupostos, busco reunir dados e estudos que vão ao encontro do questionamento apontado.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo principal, problematizar quem são as pessoas que incentivaram, mediaram a leitura de alunos considerados leitores do 5º ano do Ensino Fundamental. De modo específico, pesquisar as estratégias de leitura utilizada pelos

mediadores; conhecer o percurso escolar de alunos considerados leitores; por fim, identificar como a escola contribui com a formação de alunos leitores.

Em se tratando dessa pesquisa, o objeto de estudo se pauta na mediação da leitura, no sentido mencionado por Vygotsky quando enfatiza que “o meio é revestido de significados culturais, apreendidos com a participação de mediadores” (VYGOTSKY, 1996, p.44 apud: COSTA e FERREIRA, 2011, p.213). Nesse processo, o incentivador pode proporcionar que o leitor atribua sentido e significado.

Consideramos nesse trabalho que a leitura é a base do processo da construção do conhecimento, possibilitando a apropriação da cultura e reconstrução dos saberes produzidos em conjunto com a sociedade num determinado momento histórico.

Por isso, a escolha de uma escola da rede pública de ensino no desenvolvimento desse estudo busca oportunizar compartilhar formas de saberes e de acesso à cultura leitora para favorecer a participação efetiva e consciente no meio social, possibilitando que os leitores, estabeleçam uma ponte entre autor e leitor, contribuindo para a “vida democrática nas áreas sociais, técnicas, culturais e políticas. A escrita não pode continuar sendo privilégio de uma minoria de poderosos que sublocam a informação e o lazer à maioria” (FOUCAMBERT, 1994 p. 113).

A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, mais precisamente, tendo como público-alvo os alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental. A pesquisa também pode ser considerada como um estudo tipo exploratório, respaldado metodologicamente nos trabalhos de Lüdke e André (2013), Bogdan e Biklen (1994), entre outros. Como instrumento de coleta de dados foram realizados questionário, entrevistas semiestruturadas e entrevistas coletivas. Os dados serão analisados a partir do aporte teórico que fundamenta a pesquisa.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

O questionário foi utilizado para fazer uma sondagem a fim de identificar alunos leitores, após a aplicação e a análise dos dados obtidos neste instrumento de pesquisa. Assim, o questionário foi uma técnica que serviu para coletar as informações do percurso de leitura dos alunos. Gil (1999, p.128-129) apresenta as seguintes vantagens do questionário: “possibilita atingir grande número de pessoas e não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.”

Após o questionário, foi realizada uma entrevista individual. Uma entrevista consiste numa conversa intencional, entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas (MORGAN, 1988).

As entrevistas podem ser utilizadas para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao pesquisador desenvolver uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. De acordo com Gil (1999) nas entrevistas semiestruturadas obtém-se dados entre os vários sujeitos.

Posteriormente à transcrição destas entrevistas, sentimos a necessidade de utilizar mais um instrumento de coleta de dados, a entrevista coletiva para aprofundar as questões e também trazer as reflexões compartilhadas pelas alunas, repensando e provocando o debate entre as entrevistadas e com o intuito de identificar e reconhecer as concordâncias e discordâncias presentes no decorrer das entrevistas (KRAMER, 2007). Para a Kramer durante as entrevistas coletivas “ocorre o diálogo, a narrativa da experiência e a exposição de ideias divergentes ocorrem com intensidade muito maior.” (KRAMER, 2007, p. 64).

O presente trabalho organiza-se em quatro capítulos, o primeiro, traz a fundamentação teórica com estudos sobre a leitura, mediação, o leitor e suas práticas e a formação do leitor. O segundo capítulo apresenta o percurso metodológico utilizado. O terceiro capítulo se destina às análises realizadas a partir da coleta de dados dos questionários. O quarto capítulo exhibe as análises das entrevistas individuais e coletivas, atreladas aos estudos teóricos realizados. Por fim, as considerações finais rememoram e ressaltam o que se tornou mais relevante durante a pesquisa.

Diálogo com as pesquisas recentes

Com o intuito de conhecer o que foi sendo pesquisado sobre a mediação, leitor e práticas no ensino de leitura foi realizada uma pesquisa na BDTD. Utilizamos as teses e dissertações inseridos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD¹, pois, conforme seu histórico, esta plataforma se destaca e contribui na inserção e no desenvolvimento de pesquisas de todas as áreas. Os dados coletados especificamente os que abordam mediação de leitura, leitores e práticas de leitura se deve à temática dessa pesquisa, pois discute estratégias e mediações de leitura. Após o levantamento bibliográfico realizado na plataforma, utilizando um recorte temporal do ano de 2016 a 2020, encontramos cento e noventa e cinco pesquisas com as palavras-chaves: “Leitor e Mediação”. Esses trabalhos trouxeram as experiências, conceitos, voltada para as práticas de leituras e os mediadores de leitura.

Mas, após fazer a leitura dos títulos e resumos, foram selecionadas 7 pesquisas que se articulam com a temática deste estudo, sendo 2 teses e 5 dissertações. O critério de exclusão das demais pesquisas, foram por meio das séries (1º ao 4º Ano) e da área de conhecimento desses trabalhos. No quadro abaixo organizamos as pesquisas que contribuíram com o presente estudo:

Quadro 1: Pesquisas Selecionadas da BDTD

TÍTULO	AUTOR/A	ANO	TIPO DE TEXTO
Formação literária em uma escola de tempo integral: Novos modos de relação entre jovem e os livros?	Solange da Silva Corsi	2017	Tese
Do autor ao leitor: os processos de mediação que marcam o encontro das crianças e jovens com o livro	Poliane Vieira Nogueira	2017	Tese
A formação de	Itamar Xavier de	2018	Dissertação

¹A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações integra os sistemas de teses e dissertações que existem no país, no qual disponibiliza para os usuários um catálogo virtual nacional de teses e dissertações. Assim, possibilitando uma forma única de busca e acesso. (<https://bdttd.ibict.br/vufind/> Acesso 23.04.2021.)

leitores em uma escola municipal do interior paulista: Contribuições da teoria histórico-cultural para análise qualitativa do projeto de extensão “Leitura Campeã”	Camargo		
A mediação de práticas de leitura de livros literários na escola: uma perspectiva etnográfica	Nathaly Cristhine Ramos da Silva	2018	Dissertação
Mediação e leitura na biblioteca escolar: estudo de casos múltiplos	Flávia Ferreira Abreu	2019	Dissertação
Família e escola: o envolvimento das famílias na formação do leitor da literatura	Marcela Galvão Brasil	2019	Dissertação
Quando a leitura é uma herança	Vanessa Gimenez da Silva	2019	Tese

Fonte: Dados das Pesquisas

Buscando conhecer mais sobre essas pesquisas, fizemos um breve resumo de cada trabalho. Em geral, as pesquisas evidenciam que a mediação desperta o interesse dos alunos em formação, incentivando-os a adquirirem o hábito e o prazer em ler.

No trabalho “Formação literária em uma escola de tempo integral: novos modos de relação entre o jovem e os livros?”, a pesquisadora Solange da Silva Corsi (2017) investigou a prática de leitura dos jovens leitores que cursam a segunda etapa do ensino fundamental. Teve como objetivo conhecer os modos de leitura que estão presentes nesse ambiente, investigando o que o aluno lê, o que o motiva ou desmotiva a ler, a influência familiar, as práticas de leitura oferecidas pelos professores e o trabalho realizado pelas dinamizadoras da biblioteca escolar.

Os resultados dessa investigação mostram que a prática da leitura, entre os leitores e os não leitores é, de certo modo, influenciada pelo meio familiar e pelos amigos, e é motivada pela ação de meios digitais e aparatos tecnológicos, que influenciam o acesso a novos

títulos. Essa pesquisa se articula com a nossa por problematizar a formação do leitor e a história dos sujeitos participantes da pesquisa.

A tese de Poliane Vieira Nogueira (2017), intitulada “Do autor ao leitor: os processos de mediação que marcam o encontro das crianças e jovens com o livro”, apresenta como objetivo pensar os processos de mediação entre o texto e o leitor, considerando os mediadores da obra literária, sua função social e suas dificuldades, desde a escrita do livro infantil e juvenil até a chegada do mesmo nas mãos das crianças e jovens.

A figura do mediador é, sem dúvida, fundamental para que se obtenha sucesso em garantir a leitura dentro e fora da instituição de ensino. Entretanto, se faz urgente a democratização do acesso à Literatura, ou seja, a implementação de políticas públicas de fomento à leitura que garantam tanto o acesso ao livro, quanto a estrutura adequada para que mediadores realizem ações e projetos com os pequenos e jovens leitores, bem como a formação de mediadores que atuem em todas as escolas públicas do país. Assim, essa pesquisa foi selecionada por abordar as histórias da mediação entre mediador, texto e o leitor.

A pesquisa “A formação de leitores em uma escola municipal do interior paulista: contribuições da teoria histórico-cultural para análise qualitativa do projeto de extensão leitura campeã” do pesquisador Itamar Xavier Camargo (2017), foi resultado de uma proposta de um projeto de extensão, sobre processo escolar de motivação do ato de ler e de contribuição cultural para o desempenho crítico-ideológico dos alunos. O objetivo geral da investigação foi analisar as contribuições da extensão universitária no desenvolvimento cultural da capacidade leitora de alunos do ensino fundamental I.

Os resultados da pesquisa de Camargo (2017) confirmaram contribuições significativas do Projeto de Extensão analisado, no que se refere ao processo de motivação para a leitura. No entanto, permitiram ao mesmo tempo, revisões críticas sobre a necessidade de uma adequação do perfil de suas atividades, para que, de fato, elas possibilitam a função mediadora dos docentes na construção cultural do desempenho crítico-ideológico dos leitores em formação. Portanto, essa pesquisa foi selecionada por apresentar interface com o presente estudo no que se refere ao objetivo e conceito de leitura.

A pesquisa “A mediação de práticas de leitura de livros literários na escola: uma perspectiva etnográfica” da pesquisadora Nathaly Cristhine Ramos da Silva (2018), teve como objetivo compreender quais foram os elementos envolvidos na mediação das práticas de leitura de livros literários propostas por uma professora dos anos finais do ensino fundamental em uma escola pública estadual localizada na cidade de Recife, capital de Pernambuco. É uma

pesquisa qualitativa, baseada nos princípios da perspectiva etnográfica. Com as análises da autora evidenciou-se que a professora participante se mostrou engajada em garantir o acesso à leitura literária, embora houvesse uma série de circunstâncias do próprio ambiente escolar que pudessem cercear tal acesso.

Ademais, na investigação de Silva (2018) ficou claro que a trajetória leitora da docente desde a sua formação inicial foi fundamental para a seleção das obras levadas aos estudantes, bem como foram consideradas também as preferências dos alunos no que diz respeito a tais escolhas. Essa pesquisa se articula a este estudo à medida que revela o envolvimento de uma professora no processo de formação do aluno leitor, evidenciando o papel da mediação nessa formação.

A dissertação intitulada “Mediação e leitura na biblioteca escolar: estudos de casos múltiplos” da pesquisadora Flávia Ferreira Abreu (2019), investigou as ações de mediação e incentivo à leitura que têm sido utilizadas pela equipe de profissionais das bibliotecas escolares, com o intuito de formar leitores mais capacitados a compor uma sociedade de cidadãos pensantes, formadores de opinião e críticos, tendo o suporte e o domínio da leitura e, consequentemente, a apropriação da informação.

Ainda, a pesquisa de Abreu (2019) teve como objetivo investigar o trabalho do bibliotecário escolar que desenvolve ações de mediação de incentivo à leitura em seu modo de operar, ou agir, visando detectar as características mais marcantes que podem colaborar para a formação de leitores, contribuindo, assim, para a complexa formação de sujeitos críticos, com gosto pela leitura e com autonomia na busca da informação. Na pesquisa, a autora constatou que as atividades de mediação de incentivo são efetivas quando o mediador tem perfil para atuar nesse ambiente, sendo leitor aberto ao diálogo contínuo junto com a escola e com seus usuários. Essa pesquisa poderá nos auxiliar a visualizar as experiências de leitura dos mediadores inseridos, como também conhecer esses mediadores.

O trabalho “Família e escola: o envolvimento das famílias na formação do leitor de literatura” da pesquisadora Marcela Brasil Galvão (2019), investigou o envolvimento das famílias na formação do leitor de literatura, nos anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola da rede municipal de Juiz de Fora- MG. Ainda, perscrutou como elas estão envolvidas e como essa relação é vista pelos gestores e professores, de modo a perceber quais as consequências desse processo para tal formação.

À luz do estudo, a autora analisou dados com base na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, compreendendo que todos esses instrumentos são situações de produção de

enunciados, uma vez que todos eles são dados verbais. As análises foram estruturadas com base nas instâncias em que se dá a relação entre famílias e escola, principalmente nos dispositivos criados pela escola com a finalidade de efetivar sua parceria com as famílias, especialmente no que concerne ao envolvimento destas com a formação dos leitores de literatura. A pesquisa tem relevância na abordagem de mediadores de leitura, no envolvimento da escola e da família em conjunto para o incentivo à leitura.

A pesquisa intitulada “Quando a leitura é uma herança”, da Vanessa Gimenez da Silva (2019), foi realizada por meio de investigação, de análise reflexiva e de uma intervenção de leitura no âmbito familiar de uma turma de 7º ano de uma escola estadual do oeste paulista. A pesquisadora através de metodologias da pesquisa científica observou e refletiu acerca de quando a leitura é uma herança na vida desses alunos, como foi na minha, ou como proporcionar que os letramentos familiares da turma possam se tornar um legado de leitura dentro desses lares.

Desta feita, as narrativas que foram construídas ou foram descobertas por meio desse trabalho objetivaram estreitar os espaços entre pesquisa, professores, alunos e família, buscando reconhecer esses alunos como sujeitos da linguagem em razão da herança leitora que receberam de suas famílias ou como legado que a elas deixarão, como muitas histórias revelaram. Sobretudo, podem essas narrativas servir como reflexão da prática docente em leitura ou como proposta de trabalho a ser desenvolvido em sala de aula. Essa pesquisa têm relevância para a nossa investigação, por abordar a relação de mediadores de leitura (família e professores) com os leitores (alunos/filhos).

Essas pesquisas nos auxiliaram a pensar no objeto de estudo da presente investigação à medida que problematizam o papel da mediação e dos mediadores na formação do leitor, seja na escola seja no ambiente familiar ou em outros espaços.

No capítulo seguinte, buscamos aprofundar as discussões relacionadas às teorias dos autores que fundamentam a presente pesquisa. O capítulo se divide nos seguintes itens: Concepção de leitura assumida na presente investigação; Ser leitor; A mediação na formação do leitor.

CAPÍTULO I – A FORMAÇÃO DO LEITOR E O PAPEL DA MEDIAÇÃO NESSE PROCESSO

1.1. Concepção de leitura assumida na presente investigação

Escrever sobre aquilo que gostamos costuma ser uma boa indicação para começar a escrita de um texto. É nesse sentido, que inicio a escrita desse capítulo. Para discutir sobre a leitura neste trabalho, é necessário compreender o significado de “ler”. Desse modo, recorre-se a contribuições de autores tais como: Magda Soares (2008), Roger Chartier (1996;1999), Ângela Kleiman (1989) e Augusto Comitti (2006), dentre outros que se debruçam sobre essa temática.

O que significa ler? Significaria simplesmente juntar letras, palavras e frases de uma página impressa ou digital de jornal ou livro e tentar assimilar e dar sentido no conteúdo ali abordado? Ainda hoje tem-se a compreensão que o ato de ler se resume ao deciframento de palavras ou oralização de um texto escrito. Conforme Soares (2020, p.11), foi na década de 80 que se constatou que só a aprendizagem do sistema alfabético não era suficiente na formação de leitores. Mesmo alfabetizados, crianças e adultos em formação revelavam “incapacidade de responder adequadamente às muitas e variadas demandas de leitura e de escrita nas práticas não só escolares, mas também sociais e profissionais. Dessa forma, intensifica-se a partir dessa década, o debate sobre o letramento, no qual, a leitura e escrita deviam ser concebidas dentro de práticas sociais, propiciando ao leitor a participação nas práticas sociais de leitura e escrita.

De acordo com a autora, na sala de aula o processo de alfabetização é desenvolvido de forma fragmentada, tendo como metodologia, na maioria das vezes, métodos convencionais de ensino como, por exemplo, métodos que enfatizam as relações fonema-letra, métodos que partem de sílabas, sentenças ou palavras, dentre outros. Ou seja, métodos que focalizam somente uma parte do processo de aprendizagem do sistema alfabético, “desconsiderando o sujeito da aprendizagem, como a criança aprende” (SOARES, 2020, p. 287). Como afirma Freire (1989, p.9) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, pressupõe-se assim que ler não é apenas decodificar o texto, mas também compreendê-lo e, a partir disso, tirar proveito e significar a aprendizagem das crianças.

O ato de ler como encontrado nos estudos de Paulo Freire (1989), Manguel (2013), Chartier (2011), entre outros, não é uma mera decifração de palavras, frases e parágrafos

previamente definidos, mas um meio de transformações, de redescobertas do mundo, por meio das interpretações e das experiências próprias dos sujeitos leitores. Foucambert (1994, p.5) argumenta que “ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.” Desta forma, ler é um processo de significação e de atribuição de sentido, uma atividade que ocorre no meio social por meio do processo histórico da humanização.

Soares (2008, p.31) explicita que “ler é um conjunto de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, estendendo-se desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos”. Ainda salienta que “ler estende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons, sílabas isoladas, até habilidades de pensamento cognitivo e metacognitivas.” Assim, o hábito de ler é um exercício importante no desenvolvimento do senso crítico e da capacidade de interpretação de determinado texto, ou seja, ler significa interagir com o objeto de leitura (livros, jornais, músicas, textos online, imagens, etc) e relacioná-lo com o cotidiano.

Do ponto de vista de Silva (2019, p.59), o ato de “ler é muito mais do que apenas decodificar um texto. É uma atividade de construção de sentidos, na verdade, um processo complexo de construção de sentidos, no qual tanto o leitor como o texto interagem de tal forma, que, em consequência, ambos são modificados”. Portanto, o leitor tem o papel de atribuir significados à leitura, buscando aproximar as suas concepções próprias do dia-a-dia, com o sentido que o autor quer dar em sua obra.

Para Britto (2012, p. 38), ler significa “o ato de decifrar, em silêncio ou em voz alta, o enunciado signos gráficos que traduzem a linguagem oral, de forma a tomar conhecimento do conteúdo de um texto escrito,” para assim, o leitor querer saber mais e se apropriar da leitura. O autor explicita que lemos por prazer e divertimento, estar informado por assuntos diversos, sem a finalidade de responder alguma pergunta ou obrigatoriedade escolar, ou seja, lemos por inúmeros motivos, o ato de ler sendo compreendido como uma forma de interação com o mundo.

Lê-se para deleite pessoal, fruição, entretenimento, como quando se pega um livro ou uma revista e deixa-se que o pensamento flua sem compromisso ou objetivo além do prazer de ser e de experimentar situações, ambientes, acontecimentos. Lê-se igualmente para buscar informação do que ocorre na política, na economia, na ordem social, como quando se faz a leitura frequente de jornais e periódicos, lê-se, ainda, ler para instruir-se sobre coisas práticas ou interessantes ou em busca de ampliação de conhecimento, seja sobre história, ciência, cultura; e pode-se, também, ler como forma de autoconhecimento ou aprimoramento pessoal. As finalidades podem se sobrepor, mas não se excluem necessariamente (BRITTO, 2012, p.46-47).

A leitura tem a capacidade de proporcionar ao leitor o aumento do seu repertório sobre diversos assuntos, assim o leitor entende mais sobre um determinado tema, se comunica melhor com outras pessoas, promove a reflexão e raciocínio e aumenta as habilidades de interpretação de texto. Por isso, o ato de ler tem um papel social, o qual auxilia o aluno a se conectar com o mundo.

Ler tem como pressuposto a capacidade do leitor de interpretar o conteúdo abordado em que o texto é exposto, extraindo as referências políticas, sociais, culturais e históricas, com o objetivo que este leitor tenha a capacidade crítica para dar ao texto sua devida dimensão.

Chartier (1996, p. 82) enfatiza que o ato de ler é compreendido como um processo de longa duração, para ele “[...] a relação da leitura com um texto depende, é claro, do texto lido, mas depende também do leitor, de suas competências e práticas, e da forma na qual ele encontra o texto lido ou ouvido” (CHARTIER, 1999, p.152). Em outras palavras, para o autor, a leitura exige que o leitor produza sentido e articule conhecimentos que já possui sobre o assunto abordado, dialoga com essa visão teórica, Kleiman (1989), pois

O mero passar dos olhos pela linha não é leitura, pois leitura implica uma atividade de procura pelo leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes à compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar. (KLEIMAN, 1989, p.26-27)

Para ambos os autores mencionados até aqui, a leitura não é apenas um passar de olhos em algo escrito, mas significa ser questionado por si e pelo mundo, é construir respostas que integram novas informações e encontrar perguntas e respostas na escrita. É devido ao papel das estratégias metacognitivas na leitura que podemos afirmar que apesar das diferenças já discutidas, a leitura é um processo, pois as diferentes maneiras de ler são apenas diversos caminhos para alcançar o objetivo pretendido (KLEIMAN, 1989).

Nos estudos de Foucambert (1994, p.8), “a leitura é a atribuição de um significado ao texto escrito: 20% de informações visuais, provenientes do texto; 80% de informações que provém do leitor; o resto é informação sonora”. Ler não consiste em encontrar o oral no escrito, nem mesmo nos países em que a escrita, por motivos muito pouco relacionados à leitura, tem uma correspondência aproximativa com o oral. Tanto em nosso país como na China, a escrita é a linguagem que se dirige aos olhos, funciona e evolui para a comodidade dessa comunicação visual. A correspondência aproximativa com o oral é uma característica suplementar, que não afeta, porém, os processos de leitura (FOUCAMBERT, 1994).

Como descrito por Antunes (2003, pag.66), “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidos pelo autor.”, ou seja, a leitura e a escrita se completam, tornando o ensino de ambas mais do que uma atividade de decodificação.

Kleiman (1989, p.36) considera que a leitura é, “em grande medida uma espécie de jogo de adivinhação, pois o leitor ativo, realmente engajado no processo, elabora hipóteses e as testa, à medida em que vai lendo o texto”. Para Martino (2018, p.28) o ato de ler “é a parte central do cotidiano de quem vive no mundo contemporâneo. Para qualquer lugar ao qual olhamos, há sempre algo a ser lido e compreendido, a fim de que se possa efetivar atividades rotineiras de trabalho, de estudo e até mesmo, para se localizar e saber o que acontece ao redor. Em outros termos, através do ato de ler, aguçamos nosso senso crítico por meio da capacidade de interpretação, isto é,

Refletir sobre o conhecimento e controlar os nossos processos cognitivos são passos certos no caminho que leva à formação de um leitor que percebe relações, e que forma relações com um contexto maior, que descobre e infere informações e significados mediante estratégias cada vez mais flexíveis e originais. Isto não quer dizer que compreender um texto escrito seja apenas considera-los um ato cognitivo, pois a leitura é um ato social entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados (KLEIMAN, 1989, p.09-10).

É por meio da leitura que nós interagimos com o mundo, por meio da escrita, da oralidade, do visual, das entrelinhas, ganhando assim significado a partir da relação com o leitor, ou seja, o ato de ler não é apenas compreender a escrita, mas é estabelecer relações entre o significado e a palavra. Nessa linha de pensamento, Cabaldi (2019, p.22) enfatiza que “o ensino de leitura, bem como a educação em geral, tem que ser repensada, revista, modificada, para que possa acompanhar as modificações que ocorrem nas sociedades e assim, fazer sentido na vida dos educandos.” Nesse sentido, importante discernir que

É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 1989, p.13)

É nesse sentido que a leitura precisa ser vista como algo prazeroso, espontâneo, significativo, além de forma de acesso aos bens culturais valorizados pela sociedade letrada. Não como um simples processo de decodificação e interpretações de textos. De acordo com

Cabaldi (2019, p.24) a sala de aula, “deve ser o espaço que proporcione o desenvolvimento das atividades de leitura e onde o aluno sinta o prazer de ler e relacionar-se com o outro. Assim, proporcionando estes momentos, o professor atua como mediador”. Portanto, o professor precisa estar consciente do seu papel como mediador, criando alternativas que facilitem e incentivem a compreensão no processo de formação, e criando possibilidades e desafios para cada tipo de aluno.

O trabalho com a leitura objetiva a formação de leitores capazes de produzir textos, compreender variados gêneros textuais, de ler nas entrelinhas, dentre outras finalidades. Portanto, entendemos a leitura enquanto um processo de construção de significados, em que o leitor assume um papel ativo no processamento do texto que se realiza a partir de seu conhecimento de mundo.

1.2. Ser leitor

“Uma mulher com seu amante” (LISPECTOR, 1981, p.10), essa é a definição de leitora que a narradora, atribui à uma criança devoradora de história no conto *Felicidade Clandestina*. A felicidade para essa personagem com ânsia de ler, era descobrir-se e redescobrir-se uma possuidora de um livro. A maioria das pessoas tem a definição de que ser leitor é aquele que possui o hábito de ler, ler para si, ler em voz alta, possui muitos livros, entre outros conceitos, mas afinal o que é ser leitor?

De acordo com a concepção adotada na pesquisa Retratos da leitura no Brasil²(INSTITUTOPRÓ-LIVRO, 2020, p.19): “leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. Já o não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses”. Apesar de não ser essa a concepção de leitura adotada no presente estudo, já que a consideramos demasiadamente técnica, os dados da pesquisa auxiliam, em alguns aspectos, principalmente no que se refere a dados quantitativos na discussão dos dados obtidos.

Nesse trabalho adotaremos, em consonância com Silva (2018, p. 31), a ideia de que “o leitor é receptor e, no sentido de apropriação, o sujeito e produtor de significados”. Nesse ponto de vista, a visão que se tem do leitor é vista como produtor de conhecimento,

²A pesquisa Retratos da leitura no Brasil é a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros. Tendo início em 2001 e chega à sua 5ª edição em 2019 (lançada em 2020). Acesso em: <http://plataforma.prolivro.org.br> 28.04.2023

transformação, imaginação e compreensão. Ao ler, cada leitor atribui sentido àquilo que lê e é esse sentido que pode estabelecer e ampliar as leituras dos leitores em formação. Quando o leitor atribui sentido, ele pode tomar para si a leitura, se apropriando dela.

Conforme Krug (2015, p. 03), “o sujeito leitor é induzido a aprender a compreender, interpretar e inserir-se no universo do pensamento de outra pessoa - o autor - compartilhando pensamentos, ideias e hipóteses, aceitando, ou contrapondo-se ao que analisa”, ou seja, ser leitor é mais que o simples passar dos olhos por um conjunto de letras, é buscar a compreensão da leitura em diversos aportes.

Do ponto de vista de Perrotti (1999), leitores são pessoas em busca de sentidos e conhecimento, “já que reconhecem a linguagem como possibilidade e precariedade, como presença e ausência ao mesmo tempo, ambiguidade irreduzível face aos objetos que nomeia” (PERROTTI, p.32, 1999). Isto é, nem todo mundo que sabe ler é de fato leitor, pois ser leitor significa mais do que saber ler e enunciar palavras escritas, mas um ato permeado de sentido dado pelo leitor, em que este consegue se apropriar da leitura, tomá-la para si, sob sua compreensão.

No ato de escutar ou fazer a leitura de histórias o leitor aprende sobre “História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula” (ABRAMOVICH, 1997, p. 24), por isso é importante que o leitor tenha prazer em suas leituras. A autora chama a atenção para que a leitura deva ser prazerosa, e afirma que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escuta-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1997, p.16). Portanto, ser leitor é aquele que aprecia criticamente suas leituras, aumentando sua ânsia em ler. Ainda sobre as características que formam um leitor é possível afirmar que

De um certo ponto de vista, é possível dizer que leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes “literaturas” – científicas, artísticas, didáticos-informativas, religiosas, técnicas, entre outras – existentes por aí. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico; ou uma obra filosófica de uma informativa. Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento (AZEVEDO, 2014, p.01)

Para Cosson (2014, p.38,) sem o leitor, “os livros não passam de papel com tinta, ler é uma negociação do leitor com o texto, ou seja, o texto é tomado como um conjunto de pistas que devem ser perseguidas pelo leitor ou um espaço com vazios que devem ser preenchidos pelo leitor”. Em outras palavras, leitores são aqueles que têm práticas de leitura organizadas em torno de uma diversidade de textos e que sabem utilizar os textos em seu próprio benefício, ou seja, são aqueles que conseguem buscar nos textos informações, prazer estético ou divertimento. O sujeito leitor é formado socialmente e culturalmente a partir de práticas de leitura que ele vivencia. Ler através dessa perspectiva pode ser uma experiência de entrega e isolamento entre o leitor e o livro.

Neste trabalho consideramos ser leitor aqueles alunos que declararam gostar de ler e se consideraram leitores, seja de livros ou outro material escrito no seu cotidiano e não apenas para realizar as tarefas escolares.

1.3 A mediação na formação do leitor

Em pesquisa realizada anteriormente, Formação do leitor: O que dizem as pesquisas do GT 10 da ANPEd” (BORGES, N. A. A, 2017), foi observado que o processo de mediação da leitura é imprescindível na formação do leitor. Nesse sentido, formar leitores requer condições adequadas em relação às práticas de ensino, e ao processo de construir significados para as leituras realizadas. Dessa forma, a mediação torna-se necessária e importante na formação do leitor.

Entendemos nesse estudo que todo aquele que, em alguma medida, é responsável ou influencia na chegada do livro à mão do leitor, bem como aqueles que garantem que a leitura seja realizada, contribuindo deste modo para a formação de leitores, são mediadores. Por mediação, compreendemos que

Mediação é, senão, todo o processo que envolve a produção e recepção de um livro, visto que visa a um objetivo, alcançar o leitor, desde o momento da escrita, em que se define um tipo de público-alvo (criança, jovem, adulto, leitor comum ou especializado...) e o autor passa a escrever um texto visando este leitor ideal até a leitura efetiva da obra, por envolver sujeitos que corroboram para o encontro entre leitor e texto (NOGUEIRA, 2017, p. 17).

Neitzel, Bridon e Weiss (2016, p. 309) tecem a seguinte argumentação, “cabe ao mediador em leitura possibilitar experiências de apreciação da obra, de fruição estética, que

estreitem a relação entre autor e leitor”, isto é, o mediador deve incentivar o gosto pela leitura aproximando o texto e o leitor.

De acordo com Calkins (1989, p. 19), quando a leitura e a escrita “torna-se um projeto pessoal para as crianças, os professores não necessitam adular, pressionar, seduzir e motivar”. Sendo assim, cabe aos mediadores encontrar formas para despertar no aluno a oportunidade de vivenciar o gosto pela leitura e a escrita, valorizando as opiniões de cada um.

No processo de mediação o mediador pode proporcionar que o leitor atribua sentido e significado. Vygotsky enfatiza que: “o meio é revestido de significados culturais, apreendidos com a participação de mediadores” (VYGOTSKY, 1996, p.44 apud: COSTA E FERREIRA, 2011, p.213).

O mediador da leitura precisa provocar o leitor a esmiuçar o texto, a interpretar o conteúdo, conhecer o autor, o gênero e as percepções feitas ao longo da leitura que merecem ser discutidas, ou seja, é importante que o aluno forme sua própria opinião diante do texto a ser lido. O papel do mediador nesse contexto é criar oportunidades que permitam o desenvolvimento do processo cognitivo, sendo que essas oportunidades poderão ser melhor criadas à medida em que o processo seja mais conhecido.

Sabendo da importância da leitura na formação do leitor, incumbe-se aos mediadores compartilhar o gosto pela leitura e incentivar os indivíduos a ler. Mas o que é, e quem são esses mediadores de leitura? Galvão (2003), a partir de um estudo da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, mostra que existem correlações bastante fortes entre os níveis, hábitos e as práticas de leitura dos pais, professores e da escola, com o gosto pela leitura dos filhos e alunos. A partir das considerações da pesquisa de Galvão (2003, p.148), “a família é a única e principal mediadora entre o indivíduo e sua relação com a escrita”. Em contrapartida, a essa afirmação, outros estudos atribuem outras fontes de mediação, além da família.

Também não se pode esquecer da escola que é um dos lócus em que ocorre a mediação de leitura, já que um de seus principais objetivos deveria ser proporcionar o desenvolvimento dos alunos nas práticas de leitura e escrita. Para Nascimento (2020, p. 16), “as concepções e práticas de leitura, que ocorrem na escola, têm uma grande importância na formação do sujeito que frequenta essa instituição.”

Nesse sentido, a escola é mediadora dos conhecimentos básicos construídos historicamente, e para que a mesma transforme e passe esse conhecimento adiante se faz necessário utilizar recursos de forma que incentive o aluno a gostar da leitura e compreendê-la e conseguir se superar a cada desafio proposto no dia a dia.

Apesar dos vários estudos que mostram as dificuldades da escola em incentivar a leitura, como critica Antunes (2006) lembrando que a leitura no ambiente escolar é muitas vezes com função e sem objetivos. Ou, como afirma Carvalho (2005, p. 67) “não se ensina a gostar de ler por decreto, ou por imposição, nem se forma letrados por meio de exercícios de leitura e gramática rigidamente controlados”, essa não é a visão dessa pesquisa, sobre a leitura na escola. Nesta pesquisa, o meio escolar foi um ambiente que proporcionou a interação entre alunos e professores, aprimorando e incentivando as práticas voltadas para a leitura. Sendo assim, o contato das alunas com a leitura ocorreu por meio familiar e escolar, portanto, a família e a escola tiveram a contribuição de propiciar o olhar, a escuta, o compartilhamento, a estética e o despertar das emoções que orientam a relação entre livro e leitor.

Para formar indivíduos letrados, a escola tem que desenvolver um trabalho gradual e contínuo. Em outras palavras, as práticas de leitura nas escolas necessitam de diferentes estratégias para levar à compreensão à interpretação das leituras abordadas em sala de aula. Por isso, é essencial que a escola crie oportunidades que promovam o desenvolvimento do prazer pela leitura por meio de textos significativos para os alunos, pois o interesse pela leitura pode ser cultivado mesmo antes da alfabetização, considerando a faixa etária do aluno.

Conforme descrito por Paiva e Oliveira (2010), a escola tem como uma de suas funções primordiais a formação do leitor, pois ela desempenha um papel central no acesso à leitura. Ou seja, sendo a escola uma das instituições fundamentais na formação do leitor, é responsabilidade dela proporcionar estratégias de leitura que despertem o prazer pela leitura. Como afirmado por Petit (2008), para transmitir o amor pela leitura, especialmente pela leitura de obras literárias, é necessário ter experimentado esse amor. Portanto, pais e/ou professores podem fazer surgir um novo leitor, até mesmo reavivando o interesse de um leitor adormecido.

Vale destacar, ainda, o papel do mediador como criador de comunidade de leitores. Na obra “Pelo avesso: A leitura e o leitor”, Yunes (1995) aborda a importância do mediador da leitura na criação de uma comunidade de leitores. A autora destaca o papel do mediador como um facilitador e um incentivador da leitura, capaz de promover o diálogo, a troca de ideias e a construção de significados em torno das obras literárias.

O mediador é, então, responsável por criar um ambiente propício à formação de uma comunidade de leitores, na qual os participantes se sintam encorajados a compartilhar suas experiências, descobertas e opiniões sobre os livros. Essa comunidade de leitores estimula o engajamento, a reflexão e o enriquecimento mútuo, contribuindo para a ampliação do

repertório literário e para o desenvolvimento da leitura crítica. Através da formação de uma comunidade de leitores na sala de aula, o mediador da leitura pode promover a interação entre as crianças, estimulando-as a compartilhar suas experiências de leitura, discutir os livros, trocar recomendações e explorar diferentes perspectivas sobre as obras literárias. Esse ambiente colaborativo e participativo favorece a aprendizagem das crianças, uma vez que elas são encorajadas a expressar suas ideias, aprimorar sua compreensão textual e desenvolver habilidades de leitura crítica.

A mediação de leitura deve ir ao encontro dos interesses do leitor como passaporte para novas leituras, interpretações e desdobramentos. “Tem que gerar inquietações, pois ao compartilhar a leitura, cada indivíduo irá experimentar um sentimento de pertença, de apropriação, possibilitando abrir-se para o outro introduzindo-o no mundo” (PETIT, 2008).

Deste modo compreende-se que a mediação deveria ser um papel em conjunto entre família, escola, professores. Entretanto, assim como mencionado nos estudos de Silva (2019, p.60):

Diante da oportunidade de considerar a leitura que se faz em família e a poderosa influência dessa mediação, a própria escola desconfia e subjuga o letramento familiar e não dá a ele o espaço e a importância devida, como tenho presenciado em mais de vinte anos de experiência como educadora.

O vínculo entre escola, família, biblioteca são pontos de contato indispensáveis na formação do leitor, contudo, a iniciativa deve caber à escola, já que, ela é uma instituição da escrita em nossa cultura (PERROTTI, 1999). Silva (2019, p.21) salienta que “ler, na escola ou por causa da escola, na maioria das vezes, é decifrar símbolos, memorizar textos, é uma leitura controlada pelos objetivos dos conteúdos”, e, por isso, o ato de ler não tem sentido ou um significado maior que se estenda à vida.

As escolas, que se pressupõe que sejam as instituições principais para a formação de leitores, seguem carentes de políticas que estimulem a atuação de professores nessa formação para mediação e vêm sofrendo críticas. Uma das questões salientadas por estudiosos está relacionada à

[...] ineficiência dessa instituição ultrapassa a consolidação dessa tarefa, visto que ela tem apresentado dificuldade até mesmo no processo de alfabetização, e muitos alunos chegam ao ensino médio com deficiências em habilidades básicas de leitura e escrita no que condiz na decifração dos signos, ortografia, noções textuais, entre tantas outras dificuldades. Ao se depararem com um texto escrito, esses estudantes veem escapar o sentido das palavras ali postas. (NOGUEIRA, 2017, p.93)

Segundo Silva (in: Prado e Condini, 1999, p.56):

No Brasil, a leitura vai mal porque a escola está muito mal, vivendo carências ambientais e pedagógicas há bastante tempo. Tais carências, por sinal já reveladas e amplamente conhecidas, não vêm sendo enfrentadas com o devido grau de seriedade e responsabilidade pelos governos, o resultado no agora, é um cenário desolador, cuja transformação depende de volumosos investimentos no sentido de recuperar o tempo (SILVA,1998 *apud* PRADO; CONDINI,1999, p. 56.).

Dentre as explicações para tais dificuldades encontra-se o fato de que as escolas brasileiras têm funcionado de modo precário e vêm lutando para sobreviver, por falta de estrutura e condições adequadas para que os professores possam realizar adequadamente o seu trabalho, bem como a insuficiência das políticas públicas para a leitura, fazendo-a alcançar todas as crianças e jovens, independente da classe social ou região do país.

Sobre a questão da leitura escolar, Souza (s/d, p.3) observa que “[...] ler um livro era sinônimo de encontro com outras pessoas e com outras leituras, agora quase que estritamente pedagógicas – ler um livro representa adquirir determinado conhecimento e a sua funcionalidade”, só se trabalha com as práticas e demais conteúdos estipulados pelo currículo escolar. O professor, absorvido pelos compromissos escolares, está preocupado em seguir um planejamento com um aprofundamento requerido, no qual o aluno produz um pensamento ou opinião condizente com a expectativa do professor ou do autor.

Carvalho (2005, p. 67) afirma que “não se ensina a gostar de ler por decreto, ou por imposição, nem se forma letrados por meio de exercícios de leitura e gramática rigidamente controlados. Para formar indivíduos letrados, a escola tem que desenvolver um trabalho gradual e contínuo”, ou seja, as práticas de leituras presentes nas escolas carecem de variadas estratégias para decifrar e interpretar os conteúdos das leituras abordadas em sala de aula.

É indispensável que a escola crie possibilidades que oportunizem o desenvolvimento do gosto pela leitura por intermédio de textos significativos para os alunos, pois o gosto pela leitura pode ser cultivado antes mesmo da alfabetização. Esse gosto pela leitura é o desafio proposto ao professor para alfabetizar as crianças,

Tendo o texto como unidade básica e ensinar a ler e escrever a partir de reflexão sobre o processo envolvido na alfabetização. A autonomia na leitura desenvolve-se com o aumento da experiência à identificação de palavras, de frases e de modalidades de texto” (SARAIVA, 2001, p.33).

Como descrito por Paiva e Oliveira (2010, p. 23) “a escola tem como uma de suas funções primordiais a formação do indivíduo leitor, pois ela ocupa o espaço privilegiado de

acesso à leitura”, isto é, sendo a escola uma das instituições de ensino fundamentais na formação do leitor, é dever dela propiciar estratégias de leitura que despertem o gosto de ler.

A partir dessas contribuições, os mediadores de leitura nessa pesquisa serão entendidos como aquelas pessoas que estendem pontes entre a leitura, seja de livros outros materiais escritos, e os leitores. Ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem.

1.4 Formação do Leitor

Em relação à formação do leitor, os autores como Leite (2011), Grotta (2000) e Neitzel, Bridon e Weiss (2016) destacam que a leitura é de total importância na identidade do leitor, pois quando lemos, buscamos criar uma representação visual e teórica dos acontecimentos de nosso meio social, ou seja, conectando o texto com a realidade, com o contexto. Na formação do leitor Ricardo Azevedo (2014) salienta que,

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e este se justifica e se legitima justamente através da comunhão estabelecida (AZEVEDO, 2014, p.02).

O autor ainda ressalta que vai ser difícil formar leitores insistindo em idealizações a respeito da leitura,

Aceitando passivamente a divisão indiscriminada de pessoas em abstratas faixas etárias, ignorando a existência de diferentes tipos de livros e textos e, ainda, sem levar em consideração certas características e especificidades da Literatura, entre elas, seu compromisso profundo e essencial com a existência humana concreta. AZEVEDO (2014, p.11)

Segundo Leite (2011, p.37), a constituição do leitor é “um processo socialmente construído, determinado basicamente pela história de mediações sociais vivenciadas pelo sujeito, incluindo desde o ambiente familiar, passando pelas diversas situações sociais, até obviamente, a escola.” Portanto, compete à instituição (escola), professores, pais e demais mediadores, proporcionar um ensino que incentive o aluno o gosto pela leitura e a deleitar-se com o texto.

Britto (2012, p.42), ao falar sobre a formação do leitor, enfatiza que “ser leitor depende de diversos fatores que estão além do interesse, hábito ou gosto pela leitura; são necessárias condições objetivas (tempo e recursos materiais) e principalmente subjetivas (formação e disposição pessoal), as quais estão desigualmente distribuídas na sociedade de

classes.” Segundo o autor, ao longo da história, é possível perceber que o livro e o acesso à escola foi um objeto de acesso limitado e restrito, somente os nobres tinham acesso à leitura. Desta forma era raro escutar alguém lendo, pois além das famílias mais humildes não terem direito de acesso à escola, a maioria não era alfabetizada. Ou seja, essa formação de leitor relaciona as questões culturais e aprendizagem de valores e comportamentos da humanidade em cada momento histórico.

Deste modo, é importante ressaltar que ser leitor não depende somente do interesse do indivíduo e não garante que esse cidadão tenha acesso pleno na sociedade, porque muitas vezes a dimensão do uso da escrita, exige a compreensão e o entendimento de meios sofisticados de comunicação e informação, incluindo-se ali os textos que são fortemente contextualizados e cujos referenciais são da mesma ordem do cotidiano estabelecidos pelas tradições ou pelos instrumentos formativos ideológicos, quer dizer, mesmo que o indivíduo saiba ler, ele precisa ter esse acesso pra transitar nesse mundo globalizado, que insere a leitura diferentes formatos (Britto, 2012).

Logo, dentro da formação do leitor é inclusa a formação do cidadão, já que ler é uma das formas de participação no espaço público. O autor ressalta assim, que mesmo a leitura sendo um o meio de acesso aos bens da cultura letrada, ela não garante que o cidadão tenha esse acesso.

A pesquisadora Correia (2012) enfatiza que a mediação de professores exerce grande influência na formação do conceito de leitura como exercício, como ato de pronúncia, em vez de aproximar os alunos de concepção de leitura como atribuição de sentido e como prática cultural.

Contudo, compreendendo que os aspectos socioculturais, bem como algumas deficiências encontradas no ensino e a utilização de métodos únicos para uma sala de alunos com diferentes realidades, sendo elas intelectuais ou culturais podem dificultar a formação de leitores proficientes/ críticos.

As práticas de formação de leitores nem sempre são eficazes, pois nem tudo funciona ou proporciona o mesmo desempenho para todos os alunos. A leitura não é uma prática escolar, mas uma prática escolarizada. As práticas de leitura podem se desenvolver independentemente da escola, ainda que a escola seja, numa sociedade como a nossa, a principal instituição responsável pelo seu ensino. (PIETRI, 2007, p.33)

No meio escolar é utilizado o livro didático, no qual são inseridos textos, muitas vezes, fragmentados, que provocam um distanciamento entre leitor e texto, sendo que esses

fragmentos, “em nada contribuem para que o aluno, leitor em formação, se constitua em leitor proficiente.” (PIETRI, p.38, 2007). Como também salientado por Antunes (2003) dentre as atividades da leitura nesse meio, encontram-se atividades centradas nas habilidades de decodificação, leituras que os alunos não têm interesse, sem uma função social, sem gosto, sem prazer, sendo convertida para uma leitura pra treinos de avaliações, para interpretações com finalidade explícita na superfície dos textos.

Por outro lado, o mundo que estamos vivendo exige indivíduos letrados, com o desafio de adquirir as habilidades de leitura para ler e escrever, fazer uso dessas práticas no meio social, buscar uma formação voltada para o desenvolvimento individual e social, tornando-se assim um leitor proficiente.

De acordo com Silva (1998; p. 03), “ir à escola ainda é sinônimo de aprender a ler e escrever”. Cabe ao professor formular sua aula de modo, que a leitura seja agradável, tornando a atividade de leitura e escrita prazerosa. É importante salientar que, o professor é visto como o principal responsável pelo incentivo da leitura, assim, cabe a ele proporcionar que os seus alunos venham a gostar de ler desde os primeiros anos frequentados na escola. “O professor deve se posicionar em seu papel de intelectual transformador e elaborar meios de despertar o interesse dos educandos pela leitura, só assim poderá contribuir para a construção de uma sociedade leitora” (ANJOS, 2012, p. 02).

Formar leitores requer condições adequadas em relação às práticas, isto é, dar condições e sentidos às leituras. Para Grotta (2000, p.197),

“Um sujeito, ao longo da vida, vai se configurando como leitor a partir das experiências de leitura que vivencia nas interações e da qualidade afetiva presente nas mesmas; ao mesmo tempo, a leitura, enquanto forma de linguagem, media a interação do sujeito com a sua cultura”.

Dessa forma a mediação torna-se essencialmente necessária e importante na formação do aluno.

Segundo Silva (2018, p.32), “formar o leitor é inserir a prática da leitura pela leitura. E assim, pode-se visualizar a formação e transformação de um leitor consciente e capaz de dialogar com o texto, já que ambos são indissociáveis,” isto é, a formação do leitor ocorre no processo que a leitura da obra se constitui com o sujeito leitor.

Nesse processo, o leitor precisa utilizar na leitura o que ele já sabe, o conhecimento prévio que o permite fazer inferências sobre a leitura e o que acontece no seu cotidiano. Assim como abordado por Kleiman (1989) são vários os níveis de conhecimento que entram

em jogo durante a leitura, um deles é direcionado ao conhecimento prévio dos alunos. Esse conhecimento:

É o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Este tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente. (KLEIMAN, 1989, p. 25)

Sendo assim, o ato de ler seria uma forma de estar constantemente em contato com o meio social em que se vive. (Kleiman, 1989)

Para Koch (2009, p.41) recorremos a esse conhecimento prévio também denominado de conhecimento enciclopédico, para “ter conhecimento sobre as coisas do mundo que se encontram armazenadas em nossa memória, como se fosse uma enciclopédia em nossa mente, construída de forma personalizada.”

É importante que as crianças, antes de ler, tenham contatos com livros, revistas, gibis, entre outros instrumentos de leitura, de forma que os manipulem, interpretem à sua maneira, apreciem as ilustrações. Para Niskier (*apud*: Prado e Condini, p.16, 1999), essas formas de manipulação despertam nas crianças “o gosto, que depois se traduzirá pelas primeiras e definitivas leituras.”

Assim, esse estudo demarca que a leitura é processo de construção de significados, compreendendo que os leitores, mesmo aqueles que não se consideram leitores, lêem diversos materiais escritos no seu dia-a-dia. Os mediadores, por sua vez, criam marcas e elos entre o texto escrito e o leitor.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Para empreender essa investigação foi realizada uma pesquisa qualitativa, método de investigação científica que foca no objeto analisado, ou seja, proporciona compreender o comportamento de determinado grupo-alvo, de acordo com o assunto abordado. A pesquisa também pode ser considerada como um estudo tipo exploratório por possuir alguns de seus traços de investigação como o questionário, e a entrevista semi-estruturada e o aprofundamento na história de leitura das participantes. Por buscar, pelos seus métodos, uma proximidade da realidade do objeto estudado. As pesquisas exploratórias “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema” (GIL, 1991, p. 45).

De acordo com Lüdke e André (2013, p.20), “o estudo qualitativo se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”, ou seja, possibilita compreender os comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.

A partir da pesquisa qualitativa, esse trabalho se apoia nos pressupostos da pesquisa exploratória (GIL, 1991), a fim de compreender quem são os incentivadores e mediadores de leitura no processo de formação dos alunos leitores que participarão do estudo. A pesquisa de cunho etnográfico é utilizada para estudos sobre a cultura e a sociedade, tais como: hábitos, comportamentos de grupos sociais, crenças, entre outros fatores sociais. Nessa pesquisa, será empregada para investigar sobre as práticas e significados da leitura narrada pelos alunos.

A pesquisa exploratória tem como objetivo a descoberta de ideias e intuições dos entrevistados. Esse tipo de pesquisa é flexível sendo que qualquer dado do assunto abordado tem importância. As pesquisas exploratórias envolvem entrevistas ou questionários com indivíduos que tiveram alguma experiência com a questão problema da pesquisa. (GIL, 1991)

Os participantes desta pesquisa são os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, a escolha foi por compreender que são alunos que estão fechando o ciclo de alfabetização, e espera-se que esses alunos já tenham o gosto ou não pela leitura.

Para a coleta de dados e seleção dos alunos (5º Ano do Ensino Fundamental) que se constituiu com participantes da pesquisa, foram realizadas primeiramente questionários com os alunos no sentido de entender quais são aqueles que se dizem leitores

Após aplicação do questionário e a análise dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os alunos identificados como leitores com a finalidade de problematizar

quem foram os seus incentivadores/mediadores de leitura. É importante ressaltar que serão selecionados aqueles alunos que aceitarem participar da pesquisa.

Para Bogdan e Biklen (1994, p.134), no estudo qualitativo, a entrevista “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.”

Do ponto de vista das autoras Lüdke e André (2013):

A entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistado. (LÜDKE E ANDRÉ, 2013, p. 40)

Mazzotti (1999, p.168) destaca que “a entrevista pode ser a principal técnica de coleta de dados ou pode ser parte integrante da observação participante”. Em outras palavras a entrevista é de suma importância para coletar dados em que o pesquisador tem contato direto com o entrevistado.

Para Minayo (2009, p.64) a “entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes sobre um problema de pesquisa.

Na presente investigação, após serem realizadas, as entrevistas foram transcritas e somada aos dados coletados com a aplicação do questionário. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.205), “a análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas” e demais informações disponíveis, com o objetivo de compreender e apresentar aos outros pesquisadores os dados que recolhemos. Portanto, a análise de dados deste estudo levou em conta o contexto em que os participantes se situam.

As questões elaboradas nestas entrevistas foram questões que possibilitaram aos alunos expressarem livremente suas opiniões sobre questões que abordem quem são seus mediadores/incentivadores de leitura. As entrevistas foram feitas em local e horário marcado com as entrevistadas. Também, conforme o consentimento das participantes, foram gravadas em áudio para posterior análise dos dados.

2.1 Lócus da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada na cidade de Catalão – GO, o município se estende por 3.821,5 km² e conta com 108.823 habitantes no último censo do IBGE – Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística. De acordo com os dados do IBGE, não se pode fixar o ano de fundação do município/povoado.

Em relação à educação, a cidade, foi a primeira do interior a contar com uma escola regular e a primeira do Estado a ter uma escola pública. Na década de 1980 foi a primeira do interior a contar com um campus da Universidade Federal de Goiás, hoje sendo emancipada e sendo criada a Universidade Federal de Catalão – UFCAT. Nessa mesma década, instala-se no município o ensino profissional, com as instituições de ensino do SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, e do Senai, responsáveis pelo alto índice de qualificação profissional da cidade.

Sobre a seleção da escola para o desenvolvimento da pesquisa, lançamos de início, nosso primeiro critério, que foi o de escolha da escola municipal que atendesse ao maior número de alunos matriculados no 5º ano. Dessa forma, recorreremos à Secretária Municipal de Educação, para fazer esse levantamento. Como critérios de exclusão, foram excluídas escolas de Catalão da rede privada, bem como escolas da rede pública que não atendem alunos dos 5º Anos do Ensino Fundamental. De acordo com a Secretaria Municipal de Catalão, a cidade possui 27 escolas/CMEI, sendo que 13 atendem o 5º Ano do Ensino fundamental.

Juntamente com a Secretaria Municipal de Educação foi selecionada a Escola Municipal Frei João Francisco, já que as outras escolas estavam com projetos sendo realizados. A escola é localizada no bairro Setor Santa Helena II, na rua Professor Lázaro Mesquita Duarte, nº 300, no município de Catalão – GO, no qual atende aproximadamente trezentos alunos. Foi inaugurada em outubro de 1995, reivindicada pela comunidade local, decorrente ao seu crescimento. Em relação à estrutura, a escola possui seis salas de aula, sala da coordenação, cozinha, sala da direção, laboratório de informática, sala dos professores e banheiros com chuveiro. A unidade conta ainda com uma sala de depósito (almoxarifado) e um pátio coberto com uma tenda servindo como uma quadra de esportes improvisada. Em relação ao 5º Ano, a escola possui duas salas direcionadas a essa turma sendo dividida em “A e B”, totalizando em 53 alunos.

2.2 Participantes da Pesquisa

Os participantes da pesquisa são os alunos do 5º Ano A e B da Escola Municipal Frei João Francisco, da rede municipal de ensino que declararam gostar de ler e se consideraram leitores. A escolha por alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental se justifica por

considerarmos que nesse período escolar, a alfabetização esteja se consolidando, e os alunos já tenham adquirido gosto por ler. Para a seleção desses participantes, foram utilizados alguns critérios de inclusão: primeiramente foi feita a escolha da escola, selecionada em comum acordo com a Secretaria Municipal de Educação. Em seguida foram incluídos os alunos das duas turmas de 5º ano da escola selecionada, que estavam presentes no dia da aplicação do questionário.

Como critério de exclusão, foi a exclusão dos alunos da escola e turma selecionada que não estavam presentes no dia da aplicação do questionário e, por fim, os alunos que se declararam não gostar de ler e/ou optaram por não responder ao questionário.

Para a seleção dos participantes da pesquisa, foi utilizado primeiramente uma visita a unidade escolar para conhecer o espaço e a história da instituição, conhecer as turmas do 5º ano, posteriormente apresentar a pesquisa para os alunos e professores e posteriormente a aplicação de um questionário, com o intuito de verificar o interesse e a relação deles com a leitura. O questionário foi aplicado no horário normal de aula e definido pelo professor da turma, de acordo com o horário disponibilizado por esse. Identificando os alunos considerados leitores, foi feito o convite para uma entrevista para aprofundar nossa pesquisa. Tal entrevista foi realizada na escola. Lembrando que o participante teve todo o direito de recusar a participação na pesquisa.

Vale ressaltar que o desenvolvimento desse estudo só foi iniciado após a aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa – CEP (Número do Parecer: 5.476.792). Outro fator importante refere-se ao fato de que a entrevista foi realizada no horário marcado pela coordenadora, para garantir a frequência dos alunos de modo a não comprometer o desenvolvimento do estudo.

2.4- Processo de coleta e análise dos dados:

Como dito, essa pesquisa é de natureza qualitativa. O processo de coleta e análise de dados foi por meio da aplicação de um questionário e posteriormente a realização de uma entrevista com as participantes selecionadas. Sendo assim, a coleta e análise desta pesquisa se deu por meio de um questionário produzido pelas pesquisadoras (**Apêndice 01**). Ao todo foram 07 questões para o questionário, as perguntas foram direcionadas para averiguar se os participantes da pesquisa (alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental) são leitores e quais as pessoas que os incentivaram a ler.

Após a aplicação e verificação das respostas dos questionários, os alunos que se encaixaram nos critérios de inclusão (os alunos considerados leitores) da pesquisa, foram direcionados para a etapa das entrevistas, que conteve 10 perguntas (**Apêndice 02**), que foram feitas de modo individual, na sala de professores, disponibilizada pela coordenadora. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.134), a entrevista “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio indivíduo, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como esses interpretam aspectos do mundo,” sendo assim, na presente pesquisa, a entrevista foi utilizada para investigar qual a contribuição dos mediadores/incentivadores na formação do aluno.

Esta pesquisa teve como benefícios uma discussão sobre os incentivadores na formação de leitores, como também o trabalho docente em aprimorar a leitura de alunos de 5º Anos. Após a realização da coleta de dados, analisamos as respostas dos alunos, fundamentados nos estudos que norteiam a pesquisa.

Posteriormente, analisados os dados obtidos no questionário, foi feita uma entrevista semiestruturada. Essas participantes foram selecionadas porque responderam no questionário que gostavam de ler e se consideravam leitoras, após selecionadas entramos em contato com elas para explicar a próxima etapa da pesquisa, marcando o dia e horário para a realização da entrevista como mencionado anteriormente.

Após as entrevistas individuais, optamos ainda por fazer uma entrevista coletiva com as 3 participantes da pesquisa. O objetivo foi aprofundar e compreender a história das alunas que se consideram leitoras, vez que por meio dela, “as análises são mais profundas e substanciais” (KRAMER, 2007, p.65). Kramer (2007, p. 66) ainda salienta que as entrevistas coletivas constituem também “uma importante experiência para pesquisadores e participantes; as gravações e as transcrições revelam a riqueza desse processo”.

Kramer (2007) ainda destaca a importância da rememoração e do papel dos pesquisadores, nela se entrecruzam passado, presente e futuro, para haver compreensão da experiência compartilhada.

Durante as entrevistas coletivas, o diálogo, a narrativa da experiência e a exposição de ideias divergentes ocorrem com intensidade muito maior, na medida em que professores podem falar e também escutar uns aos outros. Além disso, como não só o pesquisador detém autoridade para fazer perguntas ou comentários sobre a fala dos entrevistados, a influência do poder e da posição hierárquica parecem diminuir; os problemas são apresentados com suavidade e tensão, o conhecimento é compartilhado e confrontado, a diversidade é percebida face a face.” (KRAMER, 2007, p. 64)

Em atendimento às normas de ética em pesquisa, cabe ressaltar ainda, que o material com as informações (gravações) foi transcrito, com a devida autorização dos participantes e não houve uso de voz dos participantes na pesquisa. Tanto o questionário quanto as entrevistas foram transcritas sem a identificação do participante.

Todo material, ficará guardado em banco de dados pessoal sob a responsabilidade da pesquisadora com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será incinerado após o período de cinco anos corridos, a partir da publicação da pesquisa.

Capítulo 3 – O que dizem os alunos do 5º Ano

De um total de cinquenta e três alunos matriculados no 5º Ano “A” e “B” do Ensino Fundamental da Escola Municipal Frei João Francisco, dezesseis alunos aceitaram e foram autorizados pelos responsáveis para participar da presente pesquisa. Em sua totalidade, os participantes que responderam ao questionário, são meninos e meninas de dez e onze anos. O questionário foi aplicado, no dia 15 de agosto de 2022, e nele foram abordadas algumas questões relativas ao ato de ler, gosto pela leitura, incentivadores de leitura e a participação da escola na mediação da leitura.

A partir da análise dos dados do questionário elencamos três eixos de discussão: os alunos que disseram não gostar de ler e não se consideram leitores, os que disseram gostar de ler, mas não se consideram leitores e aqueles que afirmaram gostar de ler.

Dos dezesseis alunos, 3 alunos disseram não gostar de ler e nem se consideram leitores, 10 alunos responderam que não se consideravam leitores mas gostam de ler. Desses, oito eram meninos e cinco meninas. Três meninas gostavam de ler e se consideravam leitoras. A seguir serão apresentados os dados obtidos no questionário aplicado aos alunos.

3.1 - Alunos que disseram não gostar de ler e não se consideram leitores

Antes da discussão dos resultados, se faz necessário ressaltar que ler ou não e gostar ou não de ler dependem de “incentivos do meio sociocultural em que o sujeito está inserido” (NOGUEIRA, 2017, p. 50), como família, escola, trabalho, entre outros. Isso porque não nascemos leitores, somos orientados a isso.

Com isso em mente, parte-se para a discussão dos dados. Nessa pesquisa, do total de dezesseis participantes, três deles (sendo todos meninos) responderam que não gostam de ler e não se consideram leitores. Inicialmente, pressupomos que esses alunos não gostam de ler pela ausência do hábito de ler no meio familiar ou/e pela dificuldade no ato de ler. Entretanto, apesar das respostas a essas questões, os alunos se contradizem nas questões seguintes, não gostam de ler e nem se consideram leitores, como afirmaram no começo do questionário, mas posteriormente, eles nos levam a crer que possuem traços leitores.

Na questão3, dois desses alunos disseram que pegam livros na biblioteca. Vimos assim, por meio dessa questão, outra realidade, na qual, mesmo esses alunos não gostando de ler e não se considerando leitores, lêem e frequentam a biblioteca da escola. Um respondeu

que não pega livros, essa é uma resposta mais coerente com as duas anteriores. Diante dessas respostas, podemos inferir que esse acesso possa ser feito pela obrigatoriedade na realização de atividades com fins avaliativos ou apenas por achar a leitura chata ou até mesmo por acharem que a leitura não auxilie em outros campos da vida, do cotidiano (agricultura, serviços domésticos, construções, dentre outros). Giacomini, et. al. (2018)

A Biblioteca escolar anteriormente era vista como um espaço pouco utilizado e servindo somente para depósito, entretanto, atualmente busca ser um ambiente de aprendizagem prazeroso e acolhedor, que contribua no diálogo e interação com os professores, alunos e membros da escola.

A biblioteca escolar é reconhecida atualmente como instrumento indispensável no processo de ensino-aprendizagem, constituindo-se em espaço para desenvolver competências para a busca e o uso da informação, e, conseqüentemente, catalisar o aprendizado ao longo da vida. (Costa, 2013, p. 16)

Além disso, sobre a mesma questão, é importar citar, também, Abreu (2019, p. 21), que complementa o raciocínio em relação à biblioteca, que tem como função “atender a demanda da escola, que visa à aprendizagem em vez do ensino”, ou seja, a biblioteca é considerada um importante espaço de influência positiva para o incentivo da leitura e, quando aliada a estratégias eficazes de mediação, completam o primeiro caminho ao qual Corsi (2010) se referencia.

Antes de adentrar na próxima questão, cabe aqui enfatizar que a biblioteca da escola foi reformada com verbas de um projeto de uma empresa de produção de máquinas agrícolas. O projeto intitulado Das Letras, visou a reforma de bibliotecas escolares. Na seleção das escolas que seriam beneficiadas, optaram pela reforma da biblioteca da Escola Municipal Frei João Francisco. Além da doação de livros, o projeto também dotou a escola de jogos pedagógicos e TV com Internet.

Imagem 01: – Das Letras



Fonte: Dados da Pesquisa

Como visto nas imagens acima, o projeto prevê um manual de organização dos livros, que devem ser organizados de acordo com a faixa etária dos alunos da seguinte forma: Amarelo destinado aos alunos do 1º Ano, o Laranja para o 2º Ano, o Vermelhos aos alunos do 3º Ano, o Verde para o 4º Ano e o Azul é pro 5º Ano.

Imagem 02: Prateleiras de livros organizadas por cores



Fonte: Dados da Pesquisa

Porém, para a bibliotecária da escola, essa escala das cores não corresponde com o desenvolvimento de leitura dos alunos.

“Esse manual aqui foi o projeto da John Deere que trouxe, da idade e a cor dos livros. Mas só que muitos aqui não batem. Porque eu tenho aluno aqui, tipo a Hermione, a Bianca, a Isabel, Ana Gabriele, a Eloá, elas ultrapassam as cores”
(Bibliotecária)

Essa divisão rígida por faixa etária é questionável. As autoras Silvia Freitas e Bertoletti (2006) por exemplo, argumentam que:

Historicamente a faixa etária é constante na preocupação de produção dos livros para crianças, pois o mercado do livro precisa ser adequado ao consumo, devido a isto são elaboradas produções de acordo com o que o autor ou a editora imaginam agradar aos mediadores da leitura que têm a faixa etária como pressuposto para a leitura dos livros de literatura infantil. (SILVA, FREITAS e BERTOLETTI, 2006, p. 71)

Ricardo Azevedo (2001) é outro que, ao comentar as divisões dos livros por faixa etária salienta que essas divisões podem ser úteis em situações mercadológicas. O autor ainda faz questionamentos sobre essa divisão, tais como: conteúdos organizados em graus de dificuldade divididos com os mesmos alunos com características e estágios físicos e neurológicos diferentes e também as diferenças socioeconômicas e experiências individuais de cada um (traumas, temperamentos, sonhos), vivências pessoais, tradições e culturas diferentes. Ou seja, crianças com a mesma idade vivenciam situações diferentes no que se refere à cultura, valores e eventos de letramento.

A divisão rígida de livros por faixa etária também está relacionada à própria escolarização da leitura que tem uma imagem de leitor que necessita que a leitura seja facilitada. No entanto, essa questão da determinação da faixa etária carece de mais pesquisas e maiores discussões.

Cabe também enfatizar que se constitui em uma prática da escola os professores de cada turma levarem semanalmente os alunos para uso da sala de leitura. Eles levam os alunos, lêem para eles e também ouvem a leitura dos alunos que lêem para o professor e para os colegas. Cada turma tem o dia de pegar os livros e levar pra casa.

Na questão 4, procuramos saber se esses alunos apontavam pessoas da família ou da escola como incentivadores nos seus processos de leitura. Todos os três apontaram pessoas que consideravam seus incentivadores para ler. Os incentivadores de leitura apontados foram no âmbito escolar (Professores) e familiar (irmã/irmão, pais, tia, madrinha).

Apesar do ambiente escolar e familiar serem citados como incentivadores de leitura, inferimos, pelas respostas desses três alunos, que esse incentivo não favoreceu o estímulo e o

gosto pela leitura. Pressupomos também que esses alunos talvez leiam por exigência escolar. Diante dessas respostas, fica uma pergunta: será que os alunos realmente não gostam de ler, como afirmaram, ou será que têm uma visão negativa da leitura devido à prática escolar que, em muitos casos coloca a leitura como uma obrigação escolar. Abramovich (1997) critica essa obrigação escolar, pois não possibilita uma leitura de deleite, prazerosa.

Começa que há uma obrigatoriedade de prazo, uma espécie de maratona, onde um livro tem que ser lido num determinado período, com data marcada para termino da leitura e entrega de uma análise, e não conforme a necessidade, a vontade, o ritmo, a querência de cada criança leitora. (ABRAMOVICH, 1997, p. 140)

Também Soares (1999, p.26), ao discutir a escolarização da leitura e, consequentemente da literatura, diz que essa torna-se inadequada devido vários fatores, tais como: “a seleção de gêneros, autores e obras; a transferência do livro literário para o material didático”; a fragmentação dos textos, a má utilização do conteúdo, a falta de mediação, entre outros fatores.

Seguindo as questões abordadas no questionário – Questão 05, dos três meninos, dois responderam que há livros em suas casas e um respondeu que não. A essa resposta, é válido destacar as falas dos alunos enquanto respondiam ao questionário. Muitos deles comentaram: *“Prefiro jogos”, “Gosto de ver e fazer vídeos no tik tok”, “Tem livros na minha casa, mas gosto é de mexer em redes sociais.”* Tais comentários evidenciam o que professores e educadores têm colocado como um desafio, que é mídia eletrônica e as redes sociais, já que cada momento histórico possui uma prática de leitura específica de sua época, porém a escola ainda não conseguiu trazer para a sala de aula esses elementos. Tais falas remetem ao pensamento de Corsi (2017), para quem a prática de leitura tem se intensificado em diversos espaços para além do material físico, principalmente por meios e aparatos digitais, como *e-books*, internet, celulares, entre outros. Entretanto, a utilização de mídias/novas tecnologias, despertam insegurança referente aos desafios da incorporação dos novos meios tecnológicos ao cotidiano escolar, “a escola é uma das instituições que demonstra grande dificuldade em absorver as transformações nos modos de aprender em decorrência do avanço tecnológico atual.” Dorigoni (S/D, p.10). Desse modo, o professor enfrenta o desafio de lidar com um sistema educacional que não responde aos anseios dos alunos.

A questão 6, abordou a seguinte pergunta: Onde você lê com mais frequência? Dois responderam que lêem mais na escola e um respondeu que lê mais em casa. Ou seja, leem com mais frequência na escola. Por meio dessas respostas, nos perguntamos como era

trabalhada a leitura na escola e se essas leituras eram feitas de forma obrigatória. Para entender melhor como é incentivada a leitura na escola, perguntamos para a coordenadora como era trabalhada a leitura. Ela nos relatou que uma das formas é que cada turma da escola tem um dia de ir na biblioteca, quando os professores levam os alunos a pegar livros que são lidos em sala. Os livros também são levados para casa e ficam uma semana com os alunos, depois, esses alunos praticam a oralidade, através da apresentação do livro que leram para os colegas.

Se observarmos as teorias já apresentadas no referencial teórico deste estudo, a escola tem papel fundamental na formação do leitor. Entretanto, para Corsi (2010), dois são os caminhos da instituição: o primeiro, de motivação, apoio e efetivação da leitura; o segundo, de contribuição negativa para a consolidação da prática leitora, uma vez que leituras feitas por exigência ou obrigação anulam o papel do mediador e se tornam práticas impositivas e desarticuladas da leitura. Essa visão também é a visão de Nogueira (2017), para quem, gostar ou não de ler:

Se dá porque o hábito da leitura é ensinado, ninguém nasce leitor, até porque a leitura exige letramento [...]. Não se torna leitor se não passar por um processo de formação e no Brasil este processo é lento. Desde o período colonial que a publicação e o acesso ao livro são marcados por dificuldades, carências e censura. (NOGUEIRA, 2017, p. 50)

Já a última questão (7) abordou o que os alunos mais costumam ler, e todos os três responderam que liam livros. A leitura do livro continua sendo considerada a principal leitura, e a leitura de outros materiais como revistas e mesmo as mídias e jogos digitais não são considerados leitura.

A resposta é também explicada pela fala da coordenadora e mostra também que a leitura em ambientes digitais ainda não está presente na escola. Entretanto pelas respostas dos questionários eles não parecem considerar tais atividades como leitura.

Em geral, após a análise dos questionários e também por meio das falas desses alunos durante a aplicação do questionário, entendemos que para que o aluno seja motivado a experimentar a leitura, é necessário que haja, antes e durante o processo, o encantamento, a não-obrigação, a não exigência por parte das instituições escolares e familiares. Por isso, é possível destacar, aqui, a existência de formas mais atraentes, como a seleção de textos com a linguagem mais próxima dos alunos, adaptações de clássicos especificamente para pequenos e jovens leitores e assuntos que se aproximem da realidade do público escolar (NOGUEIRA, 2017)

A ideia de não gostar de ler, portanto, acontece desde o planejamento das aulas, resultando em alunos que lêem cada vez menos, tomados por histórias as quais não se identificam. Daí a importância de um mediador da leitura que auxilie o estudante a construir os sentidos do texto, “compreendendo-se enquanto leitor, protagonista do processo de leitura e interpretação, bem como incitá-lo a compartilhar e debater suas percepções e experiências leitoras” (NOGUEIRA, 2017, p. 113-114), descobrindo, por si, sua identificação com o contexto trazido pelo texto.

Por este motivo, o discurso de que ler é importante para obter conhecimento pode, por vezes, prejudicar o desenvolvimento de leitura do aluno. Há, antes, que se identificar com o contexto trazido pela leitura, seja de literatura ou de outros gêneros de texto. O aluno deve se encantar com os personagens, com o enredo, para, depois, entender a leitura como ato obrigatório. O pensamento crítico advindo da leitura, no caso da obrigação, não é natural, mas uma reprodução do que diversos pais e professores impõem quando exigem a esses alunos que leiam livros para melhorar o conhecimento, ou para escrever melhor, ou para encontrar um bom emprego (CORSI, 2017). Isso não é mediação.

Para Abreu (2019, p. 16), “um dos desafios da mediação é promover a formação do leitor de forma criativa e reflexiva, para que ele tenha mais chances de agir com autonomia na sociedade, sendo a leitura um dos processos que podem possibilitar o conhecimento e a ação de um cidadão questionador”, ou seja, ambas ações se relacionam entre si.

O questionário mostrou que dez alunos não se consideram leitores, mas gostam de ler e pegam livros emprestados da escola. Esses dados serão discutidos no próximo item.

3.2 Alunos que disseram gostar de ler, mas não se consideram leitores

Esse eixo elencou os alunos que gostam de ler, porém não se consideram leitores. Com base na questão 1 e 2 pudemos observar que dez não se consideravam leitores, mas gostam de ler. Como visto no capítulo anterior, a definição do que seria um leitor, vai muito além do que conseguir ler uma frase e interpretar a ideia que se está tentando transmitir, está relacionada à frequência com que se lê e quantos exemplares se lê naquele período de tempo por exemplo.

O quantitativo parece relevante em considerar uma pessoa leitora ou não, esta é a visão por exemplo da pesquisa Retratos de Leitura (vide página 18) no entanto, neste trabalho consideramos leitores aqueles alunos que declararam gostar de ler e se consideraram leitores, independente do suporte leitor e não apenas para realizar as tarefas escolares.

De acordo com Abreu (2019), ser leitor e ter o gosto pela leitura é:

O gosto é ter o prazer mesmo, de folhear, de entender qual o conteúdo que está ali e poder passar isso para frente. É gostar de se formar porque o livro é um mecanismo de abertura de mente, de visão de mundo diferente, seja qual literatura for infantil, infanto-juvenil não é [...] ter a prática cotidiana de ver, de procurar outros autores, gostar de ler. A leitura que norteia meu trabalho, a leitura, ela faz parte da minha vida tanto na questão do estudo, uma dúvida, uma insegurança, um medo, estou lá com o livrinho na mão [...], constantemente, na hora do conto, hora do descanso com a leitura, o cantinho da leitura. É após o recreio sabe, para mim é insubstituível, chegou do recreio tem que ter o livrinho para acalmar. Norteia mesmo tanto em questões teóricas para minha formação, quanto para a formação do aluno. Agora, por exemplo, eu estou na coordenação e estou com minha cabeceira cheia de livros para tirar minhas dúvidas. Mas é meu perfil. É construído, eu ainda não tenho certeza se tem gente que nunca vai gostar de leitura, mas eu parto do princípio de que qualquer pessoa possa gostar, não pode ser diferente para mim, por que afinal de contas esse é meu trabalho. (ABREU, 2019, p. 87)

Portanto, podemos inferir que as pessoas possuem o gosto pela leitura, mesmo para aqueles que ainda não se consideram leitores. Pensando nas respostas desses dez alunos, nos questionamos mais uma vez sobre o porquê desses alunos não se considerarem leitores, mesmo gostando de ler. De acordo com Chartier (1999), apesar dos alunos não se considerarem leitores, lêem bastante “coisas” diferentes, mesmo não sendo do meio escolar. Desse modo, podemos inferir que esses alunos possuem, alguma dificuldade, falta de interesse, preferem outra atividade, falta de tempo decorrente a diversos afazeres, pela forma que a leitura é trabalhada, ou apenas não lêem livros enfatizados pelo mercado editorial assim desconsiderando seu hábito leitor.

Na questão 3, a maioria desses alunos responderam que fazem empréstimos de livros na biblioteca. Oito deles disseram frequentar a biblioteca para fazer empréstimos de livros e apenas dois disseram que não pegam livros na biblioteca. Assim, como no tópico anterior, vimos por meio desta questão, que os alunos mesmo não se considerando leitores, possuem traços leitores por fazerem empréstimos de livros na biblioteca, assim podemos indagar o papel da escola no incentivo à leitura e sobre como está sendo trabalhada a formação leitora dos alunos, se as respostas dadas são pelo fato de realmente não se considerarem leitores daquilo que a escola valoriza ou se dão por sentirem dificuldade ou por serem obrigados a ler.

Através das respostas desses oito alunos que fazem empréstimos na biblioteca, juntamente com a fala da coordenadora da escola explicitada no primeiro eixo elencado por meio das análises iniciais, acreditamos que apesar da biblioteca proporcionar uma base de incentivo que fornece o acesso e gosto pela leitura, a forma como é trabalhada a leitura

posteriormente pode causar desprazer pelo ato de ler, por ser objetivo exclusivamente escolar para obtenção de nota.

Nesse sentido, o mediador tem a responsabilidade de utilizar estratégias estimuladoras e desafiadoras que interessem os alunos, nas quais, vejam a leitura como algo essencial. Em relação a esses mediadores, na questão seguinte buscamos conhecer quem os alunos reconheciam como incentivadores de leitura. A quarta questão que tinha a possibilidade de mais de uma alternativa a ser marcada, perguntava o que o aluno considerava como seu incentivador/a de leitura. Assim como os alunos do primeiro eixo, a maioria respondeu que seus incentivadores de leitura foram os pais (7 alunos), seguido pelos professores (3 alunos).

Tais dados evidenciam mais de uma vez a influência da família e da escola na formação do leitor, nesse meio familiar e escolar, as crianças compartilham momentos, interações, vivenciam uma rede de comunicação, brincam por meio das narrações e contações de histórias de membros familiares e professores. (Brasil, 2019)

Sobre a influência para o gosto pela leitura, os dados apresentados pela Pesquisa Retratos de Leitura (2020, p. 71) vão ao encontro dos dados aqui descritos, uma vez que para os alunos aqui analisados 43.75% foram incentivados pelos pais e 18.75% pelos professores, enquanto os dados obtidos na literatura, indicam somente 15% para os professores e 13% para os pais, enquanto a grande maioria (52%) afirma que não houve incentivador para leitura.

Na questão 05, seis alunos alegaram que tinham livros e quatro que não havia em casa. Por meio desse dado, inferimos que o acesso do livro em casa contribui na formação de leitores. Ainda ressaltaram na questão 06, que leem com mais frequência na escola e em casa, sendo que seis leem mais em casa e quatro na escola. Através das respostas dos alunos nessas questões, pressupomos que eles possuem interesse pela leitura, mas a maioria ainda lê por obrigação escolar, talvez pela prevalência do trabalho com a leitura para fins de avaliações.

Pelo que foi exposto por esses alunos, podemos perceber que tanto a escola, quanto a família interferem no processo de formação do leitor, assim, tendo o meio escolar e familiar como espaço de leitura. Porém, esses espaços não levam o aluno a se perceber como leitor, como visto nas respostas do questionário. Assim como visto por Kleiman (2016) que explicita que em muitos casos a leitura é vista como avaliação para medir a capacidade do aluno, como por exemplo, o professor que trabalha apenas a leitura em voz alta, faz com que o aluno foque nas pronúncias erradas e a possíveis repreensões quando lê incorretamente.

Quando indagados na questão 07, o que eles costumavam ler mais no seu dia-a-dia, nove marcaram que costumam ler mais livros, assim como os alunos que não gostam de ler,

percebemos, por meio dessas respostas, que o livro ainda é o suporte reconhecido pelos alunos quando se fala em leitura.

Um dos alunos escreveu que costumava ler mais História em Quadrinhos no seu dia-a-dia. Esse gênero vem ganhando espaço entre os jovens, sendo que esse gênero possui todo um trabalho, que articula ilustrações e linguagem verbal, construindo empolgante tramas, que seduzem as crianças e os adolescentes. Mas será que essa leitura é valorizada pela escola? Será que o fato do aluno gostar de ler HQ o faz se perceber como leitor?

Entre o ano de 2000 a 2002 as HQ's já eram vista como objeto de leitura fora da sala de aula, entretanto, não eram de fato incorporadas aos planejamentos. Um tempo depois, em muitos países, incluindo o Brasil, os órgãos governamentais da área da educação passaram a reconhecer a importância das HQ's e as inseriram no currículo escolar, onde foram reconhecidos os benefícios desse material pelas Leis de Diretrizes e Bases – LDB e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs e passaram a ser vistos com bons olhos. MENDONÇA (2002)

Como descrito por Vergueiro (2004, p.21):

A inclusão das HQ's em sala de aula começou de forma pouco aceita, elas eram utilizadas em pequenas quantidades em livros didáticos em formas de tirinhas para ilustrar alguns conteúdos da matéria. Porém, percebendo resultados positivos com esse uso, as histórias em quadrinhos passam a ser incluídas com mais frequência em mais quantidade de conteúdos e com melhor qualidade.

Sendo assim, as HQ's estão sendo mais utilizadas na sala de aula, podendo ser trabalhada em diversas disciplinas. Segundo Barbosa (2012, p.21), o trabalho com as “histórias em quadrinho aumenta a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico”, isto é, a HQ auxilia, de uma forma criativa, que desperta interesse do aluno em desenvolver a escrita e a leitura, aguçando sua percepção do humor e da ironia que sempre marcam os textos. Apesar da escola já reconhecer a HQ como leitura o aluno que disse não se considera leitor, lê histórias em quadrinhos. A partir da resposta desse aluno, surge alguns questionamentos: O que essa criança entende sobre leitura? O que entende sobre ser leitor? E quais suportes ele considera leitura?

Pressupomos assim, a partir dessas respostas que o livro desperta a atenção do leitor, seja pelo seu formato ou pelo seu conteúdo, e pela presença do livro nos ambientes familiar e escolar. Sendo assim, a leitura do livro continua sendo a leitura mais valorizada socialmente. As respostas apontam ainda para o fato de que, apesar de não se considerarem leitores, todos leem, independente do seu suporte e tendo o poder de decidir, futuramente, qual caminho prosseguir em suas escolhas leitoras. Como afirma Cadernatori (2012), muitos alunos podem

não se considerar leitores talvez por não terem claro o que seja um leitor, ou pela forma em que a leitura é valorizada na escola, mas eles gostam de ler

O trabalho com a leitura na escola, na maioria das vezes, pode variar em atividades centradas nas habilidades de decodificação, que não despertam interesse no aluno, sem gosto, sem prazer, convertida em momentos de treino, avaliação, atividades de leitura que se limitam a recuperar elementos literais ou explícitos no texto e incapaz de suscitar no aluno a compreensão das funções sociais. (ANTUNES, 1937)

Não se consideram leitores, como afirmaram no início desse questionário, mas, posteriormente, nos mostraram diante das outras perguntas, que se identificam com a prática leitora, mesmo que eles ainda não percebam. Seguindo o raciocínio de Maria Helena Martins (1994), a habilidade de ler ou de estar alfabetizado não garante ao indivíduo o gosto leitura. Segundo a autora (1994, p.81):

A maioria das pessoas, uma vez alfabetizadas, se limitam, no que diz respeito ao verdadeiro sentido e uso da leitura. Fazem uso dela apenas esporadicamente, tornando, assim, o hábito de ler, um ato elitizado, restrito a uma pequena minoria (letrados).

Acreditamos que esses alunos não se consideram leitores e dizem não gostar de ler por não se incluírem nessa minoria elitizada. No tópico a seguir, será abordado sobre as alunas que gostam de ler e se consideram leitoras.

3.3 Alunas que afirmaram gostar de ler e se consideram leitoras

Para a pesquisa Retratos de Leitura (2020, p. 19), leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses. Porém essa definição, apesar de importante, é muito técnica, por essa razão, outras definições do que viria a ser um leitor se fazem necessárias. Por meio do questionário pode ser observado que de 16 alunos: nove meninas e sete meninos, somente três alunas gostavam de ler e se consideravam leitoras.

Na questão 3, as três alunas marcaram que fazem empréstimo de livro na biblioteca/cantinho da leitura da escola. Assim, como explicitado por Campello (2012), as bibliotecas propiciam a construção do conhecimento e a exploração do universo literário, assim extraindo deles significados e atribuindo sentido nas experiências vividas pelas alunas. Como vimos nos outros eixos, a maioria dos alunos participantes dessa pesquisa pegam livros na biblioteca, mesmo que muitos deles não se considerem adeptos da leitura. Talvez para as

garotas que se consideram leitoras, o processo de ir até a biblioteca periodicamente, escolher livros e lê-los faça mais sentido

Em seguida na questão 4, por meio das respostas destas alunas consideradas leitoras, é possível visualizar, nessa etapa da pesquisa, que duas destas consideram como seus incentivadores de leitura os seus professores e, para a terceira, a irmã. Como vimos nas respostas anteriores a família e os professores são os principais mediadores de leitura.

Dessa maneira, o/a professor/a e a família assumem um papel de destaque na influência leitora. Constatase que os mediadores de leitura dos participantes foram marcantes e que de fato contribuíram positivamente na formação leitora deles (mesmo para aqueles que alegam não gostarem de ler ou não se consideraram leitores).

Podemos visualizar na questão 5 que as três alunas que se consideram leitoras possuem livros em casa. Adiante, na questão 6, as alunas informaram que os lugares onde mais lêem é no quarto. Para Brasil Galvão (2019, p. 42), “ter acesso a livros em casa é fundamental e exerce grande influência na formação do leitor,” contribuindo na relação entre família e escola na formação do aluno leitor. Ainda de acordo com a autora

Quando não existem condições adequadas para uma mediação da relação com a leitura no âmbito familiar, a escola é quem assume o papel de maior relevância, pois caberá a ela, principalmente, realizar tal mediação e, ainda, promover o envolvimento das famílias de modo que sejam capazes de contribuir, de alguma forma, com esse processo (BRASIL GALVÃO, 2019, p. 42).

Na última questão (7) todas marcaram ter preferência em ler livros. Apresentando dessa forma grande interesse por livros, despertando nelas o gosto pela leitura. Mais uma vez, percebemos pelas respostas de todos os alunos participantes (16) desta pesquisa, que o livro ainda é o suporte reconhecido quando se fala em leitura.

A leitura baseada em livros (independente do suporte) é uma leitura que pode incentivar o prazer em ler, como também despertar sensações de medo, felicidade, angústia, amor, desconforto, entre outros sentimentos (BRASIL GALVÃO, 2012). Para Silva (2018, p. 36), “o livro impresso ainda é fortemente presente em nossa cultura e apresenta peculiaridades referentes à leitura que são muito diferentes da leitura de obras no suporte eletrônico.”

Inferimos que essas alunas se consideram leitoras e gostam de ler por terem sido incentivadas e motivadas a terem o gosto pela leitura. No capítulo a seguir, será abordado sobre as entrevistas individuais dessas alunas.

4.Entrevistas: Histórias das alunas consideradas leitoras

A seleção das participantes para a realização da entrevista foi realizada com base nos critérios de inclusão desta pesquisa, sendo selecionadas as alunas que se declararam leitoras no questionário. Assim, três alunas que residem no município de Catalão – GO e estudam na Escola Municipal Frei João Francisco compõem o quadro de entrevistadas sendo elas: Hermione, Isabel e Ursinha, optamos por utilizar o codinome dos personagens dos livros citados pelas participantes de modo a preservar as identidades destas.

Conhecidas as participantes que se consideram leitoras conforme as respostas dos questionários, foi iniciada uma nova etapa, empreendida para conhecer as histórias sobre o percurso de formação de leitura e conhecer quem foram os incentivadores e/ou mediadores de leitura dessas alunas. Para isso, em 31 de agosto de 2022 foram realizadas as entrevistas de modo individual, na escola em uma sala disponibilizada pela diretora e coordenadora da instituição. Posteriormente, essas entrevistas foram transcritas e analisadas.

O roteiro da entrevista para as alunas possui dez questões, sendo que a primeira teve a seguinte pergunta: Você se considera uma leitora? Hermione e Isabel responderam que se consideravam leitoras, já Ursinha disse que se considerava mais ou menos. É importante destacar a resposta de Ursinha já que ela tem uma ficha e meia de empréstimos de livros preenchida na biblioteca. A segunda questão perguntava a elas o que é uma pessoa leitora. A aluna Hermione disse que “é uma pessoa que lê bastante” e Isabel respondeu que “é você poder ler, imaginar”. Já Ursinha afirmou que não sabia explicar o que era ser uma pessoa leitora. As repostas das duas primeiras alunas apontam para visões diferentes de ser leitor. Elas entram em um embate comum entre relacionar o ser leitor à quantidade ou ao prazer. Hermione aponta para a quantidade, ou seja, ser leitor implica em ler muito, da mesma forma, esse é também um dos traços definidos pela pesquisa Retratos da Leitura do Brasil (2020). Segundo essa pesquisa o parâmetro para estabelecer quem é ou não leitor sempre varia no imaginário entre “quem lê muito” ou “quem gosta de ler”, ambas podem ser verdadeiras, mas também podem ser questionadas em suas particularidades.

Isabel aponta que ser leitora é ter prazer com o lido, soltar a imaginação. Essa é, também, a visão de Abramovich (1997, p. 16), na afirmação de que “ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. A resposta da aluna Isabel sobre “poder ler e imaginar” é interessante pela ótica da imersão do leitor na obra literária, essa imaginação no âmbito da leitura é vista por Antonio Candido (2020) como um

fator de humanização da literatura, pois a necessidade de fabulação é essencial do ser humano, de modo que, quando a literatura traz determinados fatos para o leitor, ela reforça nele a sua humanidade através da empatia que o leitor estabelece com a personagem. Nesse sentido, a ideia de imaginação, de ludicidade, ligada ao conceito do que é uma pessoa leitora, é bastante proveitosa para a noção do leitor de literatura, já que, para se entregar à aventura de qualquer livro, a imaginação é indispensável.

Ana Lúcia T. Marinho (2021, p. 2) problematiza a discussão sobre a suposta crise de leitura na sociedade atual. Segundo ela “Em um mundo cada vez mais voltado para a amplitude digital, pode-se pensar que os leitores estão em extinção. Não parece verdade. [...] o que parece existir nos novos tempos é uma busca por leituras menos aprofundadas”. Nesse sentido, já não se pode dizer que os alunos não lêem. Compreendemos que eles podem não ser leitores assíduos de livros ou literatura. Também podemos observar que quantidade não forma um leitor, embora um leitor que leia muitos livros com considerável frequência em bibliotecas assim como observado nas falas da aluna Ursinha, seja ou não por prazer, é um leitor, entrar no mérito da quantidade de livros lidos para definir um leitor pode não abarcar leitores que leem em ritmo menor.

A autora Silva (1984) defende que a ideia de quantidade para a leitura é prejudicial para a formação do leitor, pois a noção de quantidade, implica em obrigatoriedade e disciplina, ambas incompatíveis com o prazer da leitura, principalmente em se tratando de leitores iniciantes. Excerto nos casos em que os discentes leiam grandes quantidades, sem ser por competência, mas por afinidade.

Essa discussão nos leva a inferir o porquê de Ursinha não se considerar uma leitora, e não saber explicar o que é ser leitor. Entendemos que ela, mesmo tendo lido muitos livros como atesta a ficha de empréstimos da biblioteca, não se considera uma leitora autorizada seja por não ler a quantidade de livros que considera ideal, seja por suas leituras não serem valorizadas socialmente.

Tal afirmação evidencia a visão elitizada da leitura e do leitor que marca Ursinha, e também explica o fato de que por diversas vezes, no decorrer da entrevista, Hermione, Isabel e Ursinha citaram a espessura do livro como um ponto importante para sua preferência por ele. Pode ser que para elas, um livro grosso significa ser um leitor experiente, que não se importa com a espessura do livro que vai ler. Essa impressão do leitor experiente que não se importa com a espessura do livro que vai ler, é evidenciada na personagem do conto felicidade clandestina. Sendo uma menina que sonhava com a livros, a personagem se sente

em êxtase de ter o livro grosso entre as mãos, como algo para ficar vivendo, comendo, e dormindo com ele.

A terceira questão perguntava às alunas sobre o que fazem para escolher um livro para ler. Para Hermione, a escolha é feita pela “capa” do livro, assim como para Isabel, que ainda acrescentou que era “pelo formato do livro”. Para Ursinha, era “mais ou menos o resumo”.

A escolha de um livro pela capa é natural. Quanto à leitura de mundo anteceder a leitura da palavra, presente em capítulos anteriores, “a leitura dos signos existentes na capa da obra dialoga com interesses pessoais do leitor” (RAMOS, 2013, p. 253), ou seja, as vivências do leitor são refletidas através da identificação e induzem à curiosidade pelo conteúdo do livro. Assim, tanto a capa quanto o resumo do livro ou o prefácio possuem o intuito de despertar o desejo em seu leitor, uma obra pode ser pré-julgada pela capa porque seus elementos visuais são o primeiro contato do comprador com o objeto livro, e a sua capacidade de encantá-lo pode estimulá-lo a folhear o exemplar.

Esse ato de analisar a capa também está relacionado à teoria já mencionada de Prado e Condini (1999), com relação à manipulação do instrumento de leitura bem como a leitura de suas ilustrações. Nesse sentido, é completamente válido o argumento de Hermione, pois:

Em síntese, a ilustração convida o leitor a viver uma experiência estética, não se trata apenas de observar uma obra artisticamente executada, percebendo seus materiais ou técnicas de produção, mas de recebê-la, percebê-la, senti-la, deixar-se levar pela emoção que aquele conjunto, artisticamente constituído, provoca (RAMOS, 2013, p. 255).

É possível considerar, então, a capa do livro e as ilustrações como elementos complementares ao todo do enunciado da narrativa, nesse caso, a capa, por exemplo, pode complementar a enunciação verbal do título, passando uma informação extra à do nome da obra. Fleck, Cunha e Caldin (2016) trazem à luz a teoria de diferenciação entre os livros ilustrados e os livros com ilustrações. Para os autores, enquanto no livro ilustrado, texto e imagem são igualmente importantes, e, enquanto a função das palavras é narrar a história, a função das ilustrações é de descrever ou representar o que está escrito, no livro, as imagens são constituições importantes dos sentidos produzidos à parte da escrita.

Apesar disso, para que uma capa seja capaz de encantar uma pessoa, seja criança ou adulto, é necessário que esta já seja uma leitora, pois alguém que não tenha qualquer conexão com a leitura, dificilmente ao menos observa livros à venda, indiferentemente se em loja física ou na internet. Ou seja, mesmo a atração puramente estética por um livro está relacionada à formação leitora. (SILVA, PINTO e SOUZA, 2016)

A resposta de Isabel também nos aponta um recurso visual do objeto livro: o formato. Ramos (2013, p. 259) afirma que “a literatura infantil é a mais rica manifestação literária no quesito formato, isso ocorre porque esse gênero literário atende a um público de vasta ludicidade,” por ainda estarem conhecendo o mundo, muito ligados aos cinco sentidos, a presença de elementos que os permitam explorar esses sentidos induz a maior interação, sendo um ótimo recurso para novos leitores. (RAMOS, 2013)

O formato do livro, visa não somente o deleite estético do leitor, mas também o impacto do formato na leitura do conteúdo, ele precisa “ser economicamente viável, de fácil manuseio e que seja fundamental a facilidade na leitura” (SILVÉRIO, 2011, p. 22), o formato do livro pode ainda ter participação ativa na narrativa.

Quanto ao resumo, como declarado por Ursinha como razão para escolher um livro, é um dos principais aliados de grande parte dos leitores para seleção da próxima leitura. O resumo do livro entrega apenas o essencial para que o leitor tenha acesso ao tema central da trama, de modo que a curiosidade sobre o desenrolar do acontecimento alavanque a vontade de ler a narrativa, trata-se até mesmo de uma estratégia de marketing para a venda daquela obra (MEDEIRO, 2010).

A quarta questão indagava sobre o local preferido de leitura ou onde as meninas se sentiam mais confortáveis para ler.

*Assim, a gente sempre vai pra biblioteca dia de segunda e eu sempre escolho livro pra ler, nenhuma segunda eu deixo de pegar.
(Hermione)*

É, em casa e na biblioteca. (Isabel)

Um dia sim, um dia não, no quarto. (Ursinha)

Todas as três alunas expressaram uma forte preferência por pegar os livros emprestados e levá-los para casa. Em casa elas conseguem criar um espaço tranquilo e silencioso para se concentrar na leitura. A familiaridade e o conforto do ambiente doméstico permitem, portanto, que elas se entreguem à leitura e que leiam no próprio ritmo. Assim, a casa se torna o lugar mais confortável para a leitura, primeiramente por ser um lugar familiar, que não possui distrações exteriores, e por reservar uma ausência de sons incomum ao ambiente escolar.

Hermione e Isabel, ainda, demarcaram a biblioteca como um de seus locais de leitura, e é possível que isso aconteça porque há o encantamento de ler rodeada de livros e por ter a facilidade de concluir um livro e escolher outro, sem a necessidade de registrar empréstimo ou

se deslocar de ambiente para efetuar a troca. Esse gosto pela leitura na biblioteca é explicado por Meireles (p. 111, 1979) para quem a biblioteca propicia que o aluno faça escolhas, “entre tantos livros postos em sua disposição, a criança revela o seu gosto, as suas tendências e os seus interesses.”

A quinta questão perguntava o que fez elas gostarem de ler e se houve alguma pessoa da sua família, da escola ou alguém que as fizeram gostar de ler. A aluna Hermione disse que foi por meio das leituras de “contos de fadas, alguns livros falando de histórias que já aconteceram”, quando indagada se houve alguma pessoa que a incentivou, respondeu: “Sim, foi na escola, uma professora”. “Você lembra o nome dela? O que ela fez pra você gostar de ler?”, a resposta foi “Sim, ela ainda tá aqui, Iris. No primeiro ano, ela às vezes lia pra gente, depois eu comecei a gostar de ler.”

A resposta de Hermione é um dos indicativos que se relaciona à nossa hipótese sobre a importância do mediador frente à formação leitora da criança. Seu gosto iniciou pelos contos de fadas, mas porque havia um mediador que incentivava o hábito à leitura, nesse caso, uma professora da escola, a professora Íris, como mencionado. A professora, por meio da rotina de ler para seus alunos, cativou Hermione e despertou o gosto pela leitura individual, ou seja, mesmo quando a estudante quer, por conta própria, ler um livro. Retomando Nogueira (2017) sobre o papel do mediador, a professora instigou o contato com a literatura através de um gênero comumente amado pelas crianças, e as técnicas de leitura da docente provavelmente potencializaram os efeitos da magia dos contos de fadas. Os métodos de mediação selecionados pelo mediador são tão fundamentais quanto a própria história escolhida.

Outro fator interessante é que o modo como Hermione diz que a professora Iris lia, indica uma leitura para deleite dos alunos, ou seja, não para a escolarização da literatura. O fato de não estar relacionada a uma atividade avaliativa não indica que os alunos não estão aprendendo algo, mas que eles estão aprendendo de forma lúdica

A literatura produz conhecimento, não porque esteja na escola, mas por dar conta de épocas, geografias e estilos de vida que não vivemos, mas que têm estreitas relações com o que somos hoje. A busca de leitura prazerosa não exclui a aquisição de conhecimento, pois jamais deixa de trazer informações ao leitor (OLIVEIRA, 2010, p. 42).

Assim como Hermione, a aluna Isabel teve como incentivadora a figura da professora, ressaltando assim, a importância do professor como mediador de leitura. “É, assim a inspiração da minha professora, minha primeira professora, ela sempre lia livros pra gente e eu gostava, e eu comecei a ler e continuei.” Quando indagada se havia alguma pessoa do seu

meio familiar que também a incentivou no gosto pela leitura, ela respondeu que sim, “minha prima, ela era estudante e ela me ensinava ler muito livro, muitas histórias”.

O professor/a novamente aparece como uma personagem de destaque que incentiva a leitura, além disso, Isabel destacou ser a “primeira professora”, ou seja, tratava-se da professora do jardim I ou do primeiro ano do ensino fundamental, o que significa que a primeira infância da discente foi marcada pela leitura da professora, antes que houvesse um incentivo familiar. Para que a mediação de leitura tenha tal impacto, é essencial que o professor/a selecione cuidadosamente as narrativas e transmita as emoções humanas intrínsecas à obra aos seus alunos. Ainda de acordo com Oliveira (2010):

Dessa forma, a mediação do professor implica deixar as obras literárias, com temas enriquecedores, ao alcance das crianças, para diferentes interpretações, sempre na medida em que o texto propicie leituras plurissignificativas, o que é próprio da literatura. Em suas mediações, o professor pode usar estratégias para deixar brotar a sensibilidade dos pequenos leitores. A dramatização é uma dessas estratégias, pois propicia a exposição de um tema que os impactou, pelo inusitado de seu enredo ou pelo drama existencial que afeta qualquer ser humano (OLIVEIRA, 2010, p. 46).

Por outro lado, a aluna Isabel menciona a prima como fonte de mediação da leitura, ou seja, o meio familiar. A mediação de leitura dentro do ambiente familiar possui um tipo de afeto e de admiração diferente do existente na escola.

Por sua vez, a aluna Ursinha, apesar de ter afirmado se considerar leitora, disse que não gostava muito de ler: “Eu não gosto muito”. Quando perguntamos o que a motivou a ler, ela disse que não sabia, posteriormente, quando perguntamos se “houve alguma pessoa da sua família, da escola ou alguém que a fez você gostar de ler? Quem?”. Obtivemos a seguinte resposta: “Foi da minha família, minha irmã”.

Apesar de Ursinha dizer não gostar de ler, ela lê com certa frequência – como aparece na questão 4 do questionário. Por essa razão, há algumas leituras possíveis sobre a resposta dela: a) ela lê de forma pressionada, pois a irmã acredita que ler é o melhor para ela independentemente das condições; b) ela apenas não gosta de leitura em contextos de obrigatoriedade; c) a interpretação de “gostar” dela pode ser baseada em uma comparação com algo que ela goste mais de fazer, como ver televisão ou mexer no celular. Além disso, ainda é possível considerar que Ursinha não gosta de ler livros literários. Em determinado momento da entrevista, ao ser questionada sobre o que a faz gostar de ler, Ursinha responde que sua madrinha a influenciou com “livros bem fininho mesmo”, e citou os professores Luciano e Amanda, que orientam que os alunos leiam os enunciados das atividades dos livros.

A sexta questão se referia ao que as alunas gostavam de ler e qual foi o último livro que elas leram. A aluna Hermione respondeu: “Conto de fadas e livros baseados em histórias reais”. E o último livro que leu foi, “Robô Selvagem”. Isabel também enfatizou o gosto pelos contos de fadas: “Eu gosto mais de ler uns livros de contos de fada e alguns de tipo que fala da vida da pessoa”. E qual o último livro que leu: “É, se eu não me engano estou lendo conto de fadas e não lembro direito, mas é um conto de fada, tem várias histórias”. Isabel respondeu que gostava de ler qualquer livro (“Qualquer coisa. Mais ou menos livro de quadrinho.”) e só lembrava que o último livro que leu foi sobre um cachorro, “Ah, de um cachorro”.

Como salientado anteriormente, os contos de fadas possuem certo destaque na leitura dessas alunas. Mesmo com o passar dos anos, assim como explicitado por Abramovich (1997), os contos de fadas continuam despertando o interesse dos leitores.

Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e achar junto uma resposta sua para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, imaginário, com intervenção com entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...). (ABRAMOVICH, 1997, p. 120)

A resposta de Isabel, um pouco desinteressada ou desatenta pode indicar que a sua última leitura não foi uma escolha sua. Quando questionadas sobre seu livro favorito na questão sete, tivemos as seguintes respostas: “os livros do Harry Potter.” (Hermione); “Invisível.” (Isabel); “A Lua Mágica da Ursinha.” (Ursinha).

Entre os livros favoritos das alunas entrevistadas, alguns foram citados com maior entusiasmo, por serem na visão delas mais agradáveis de ler. Como revela o quadro abaixo os livros citados por elas são *best-sellers* e contos.

Quadro 02: Livros Favoritos das alunas entrevistadas

Alunas	Livro favorito citados
Hermione	Livros do Harry Potter
Isabel	Invisível
Ursinha	A Lua Mágica da Ursinha

Fonte: dados das entrevistas

Hermione considera os livros de Harry Potter, da autora J.K. Rowling como favoritos, tendo lido todos. A história se passa em *Hogwarts* (Escola de Magia e Bruxaria), onde

acontecem os conflitos entre *Harry Potter* e aquele que não pode ser mencionado (Voldemort), que assassinou os pais do menino bruxo quando esse ainda era bebê. Harry Potter foi criado pelos tios (Trouxas/humanos) até completar os 11 anos, sendo maltratado por eles. No seu aniversário descobre ser um bruxo que terá que enfrentar o poderoso Voldemort. A obra é cheia de magia e feitiçaria.

O livro intitulado *Invisível* do autor Tom Percival é o favorito de Isabel. É uma história delicada a respeito dos olhares que nos cercam e sobre como temos direito de pertencer. O livro começa quando Isabel (personagem principal) e sua família se mudam para outro lugar da cidade, a menina começa a se sentir solitária e invisível.

A Lua Mágica da Ursinha da autora Suzanne Pinner, foi citado pela aluna Ursinha como seu livro favorito. Trata-se de uma urso que tem medo do escuro e não quer sair para contemplar a lua cheia com o seu pai. A história se baseia em como a ursinha pode ser corajosa com a mágica iluminada pela lua.

O quadro acima corrobora com a observação da autora Marcia Abreu (S/D, p. 04), ao afirmar que “não parece razoável que continuemos a nos interessar apenas pelas obras consagradas, pelos grandes escritores e pensadores. É preciso conhecer as leituras correntes, aquelas que pessoas comuns realizam em seu cotidiano.” Isto é, conhecer as leituras que as alunas estão fazendo no seu cotidiano e saber como essas leituras marcam as suas vidas.

É interessante observar que as três alunas possuem um livro favorito, mesmo dizendo que não sabem o que é uma pessoa leitora ou afirmando não gostar de ler, todas elas foram tocadas de forma significativa pelos seus livros prediletos a ponto de se lembrarem deles para a entrevista.

Na oitava questão perguntamos qual era o gênero literário favorito delas, tendo as seguintes respostas.

(Pensativa) Romance, história em quadrinho, conto de fadas... Ah, eu gosto de história de algo de suspense. (HERMIONE)

Hum ... Romance, conto de fadas, suspense... Contos de fada. Tipo assim, algumas histórias são muito felizes e dá inspiração pra gente fazer algum livro também com essas histórias. (ISABEL)

Hum, gênero ... Romance, história em quadrinho. (URSINHA)

Podemos assim, visualizar que Hermione e Isabel destacaram o conto de fadas entre seus gêneros textuais favorito. Em primeiro lugar, é necessário ressaltar a importância dos contos de fadas na literatura infantil, tratam-se de contos clássicos e milenares que atravessam

gerações encantando diversas crianças, sendo que existem diversos estudos que comprovam seu benefício para o desenvolvimento infantil. Bruno Bettelheim em sua obra *A psicanálise dos contos de fadas* (1976), destaca inclusive o modo como os contos de fadas auxiliam com medos, anseios e traumas infantis através das metáforas de bruxas, monstros e ogros.

Os contos de fadas possuem, à primeira vista, algumas lições didatizantes, mas também ensinam questões mais complexas que podem ser compreendidas pela forma de raciocínio infantil, uma criança que possui problemas com a mãe narcisista ao ler Branca de Neve pode compreender que ela não é a única e que portanto que a culpa não é dela, João e Maria ensinam a ter sagacidade diante dos problemas apesar das adversidades e assim por diante (BETTELHEIM, 2016).

O gênero textual romance também foi relatado pelas três alunas. Para o autor Robert Stevenson (1887), os romances influenciam a leitura porque “não impõem ao leitor um dogma que mais tarde se revela inexato, nem lhe ensinam nenhuma lição que depois deva ser desaprendida. Eles repetem, reestruturam, esclarecem as lições da vida, separam-nos de nós mesmos, obrigando-nos a nos familiarizar com o nosso próximo,” isto é, além de ser uma fonte de deleite, auxilia que os leitores simulem e aprendam com a experiência ficcional, transferindo o que é aprendido para as interações do dia-a-dia.

A questão 09, foi referente às marcas deixadas pelos livros na vida das meninas. Hermione responde que era o livro da Malala, “o livro que eu comecei a ler, só que eu não terminei de ler... Da Malala, é o livro que li, só que eu não lembro muito o nome dele, marcou sim, não lembro o nome dele.”

O livro citado por Hermione, possivelmente é *Malala, a menina que queria ir para a escola* (2015), da autora Adriana Carranca, livro sobre Malala que mais se popularizou no Brasil. A história de Malala na literatura é um forte exemplo de humanização pela literatura expresso por Candido (2017), pois reforça a empatia e os bons sentimentos para com o próximo.

Já as alunas Isabel e Ursinha não tiveram um livro que as marcasse.

Eu não lembro. Pelo que eu me lembre não teve. (Isabel).

Não. (Ursinha)

Embora as alunas Isabel e Ursinha não percebam que em algum momento algum livro as marcou, acredita-se que esse processo de significação/marcas construiu sentidos para ambas. Essas marcas foram percebidas através de alguns comentários dessas alunas, pra

Ursinha essas marcas foram percebidas quando relatou que os livros que lia com a Madrinha ajudaram-na a ler direito. Já para Isabel essas marcas foram percebidas quando relatou que leu e releu o livro “Muda o mundo”, do qual gostou bastante. Ou seja, mesmo não lembrando um livro que as marcou, as duas foram tocadas pelas leituras que fizeram, que as levaram a uma reflexão e a transformação pela leitura (PETIT, 2008).

A última questão era aberta, na qual as alunas deveriam falar sobre a seguinte pergunta (dupla): Na escola como foi trabalhada a leitura até o 5º Ano? Seus professores proporcionaram o contato com a leitura de forma prazerosa?

É ... eu acho que tem pessoas que talvez não gosta de ler como eu gosto, mas pra mim foi fácil. Alguns professores proporcionou de forma boa sim, mas alguns não. (HERMIONE)

Foi boa, é ... eu comecei a ler no jardim, aqui nessa escola e sempre lia e foi boa e eu sempre gostei de ler. Tipo, é porque a minha professora do jardim sempre lia como eu disse, e elas sempre falavam pra mim ler do meu jeito sabe? Ai eu sempre lia e todos os professores fizeram assim. (ISABEL)

“Ai, (expressão de não se lembrava). Me obrigando a ler. (URSINHA)

Hermione e Isabel apontam que o trabalho com a leitura foi fácil, porém não explicam como a leitura foi trabalhada pelos seus professores. Já Isabel mais uma vez destaca seu prazer pelo ato de ler e reforça que a professora sempre lia em sala de aula, tornando a leitura afetiva. A partir da perspectiva de Martins (1994, p.82), “para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expressão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais.” Em outras palavras, o incentivo à leitura precisa acontecer de forma prazerosa, que envolva o leitor no mundo das palavras.

Já Ursinha aponta que o ato de ler iniciou-se de forma obrigatória, o gosto pela leitura foi cultivado posteriormente, através de leituras variadas, incentivos da mediação da Professora, Madrinha e Mãe. Essa leitura por obrigação, que muitas vezes acontece na escola, é criticada por Antunes (2006, p. 28) por ser “uma atividades de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momentos de treino”. Mas Ursinha, mesmo não tendo tido um início de sua carreira leitora, prazeroso, encontrou, a longo de sua trajetória, mediadores que cultivaram nela o prazer de ler.

Para encerrar a entrevista, com intuito de saber sobre o caminho que levaram essas alunas ao gosto pela leitura fizemos a seguinte indagação: Conte-me como foi esse percurso?

Eu sempre gostei de ler livros que não são de autores brasileiros, então eu procuro aqui na biblioteca ou comprar livros que sejam de escritores estrangeiros, como Peter Brown. (HERMIONE)

Eu, é tipo assim, como posso dizer? ... eu no terceiro ano como teve aula online, eu gostava de pegar o meu celular e entrar no aplicativo e ler, e aí do terceiro pro quarto eu fazia isso né, porque gostava muito de ler, então eu continuei fazendo isso e agora no quinto ano eu já comprei cinco livros, estou lendo todos. Eu comprei da Malala, não sei se foi de diário de uma menina estudiosa eu acho e eu lembro só de três e também de contos de fada. (ISABEL)

No primeiro ano a leitura começou bem fraca. É porque como eu disse, eu não ligava para nada da leitura. Aí depois, com os incentivos dos professores, aí eu fui criando aquele contato com a leitura. E agora gosto muito de ler. (URSINHA)

Através da resposta de Hermione podemos inferir a preferência por livros de escritores estrangeiros, inferimos que essa escolha seja feita para mergulhar e conhecer outras culturas ou por possuir elementos que instigam a leitura (capa, ilustração, resumo) dessa aluna. Para Ursinha, a leitura nos seus anos iniciais pouco importava, mas por meio de incentivos da professora e, principalmente, da madrinha ela começou a ser tocada pela leitura.

Isabel destaca o período das aulas online quando fazia leituras pelo celular, como um fator que contribuiu no seu gosto pela leitura. Foi a partir daí que adquiriu o hábito de comprar livros. Assim, é possível falar que nesse período houve também alguns benefícios para o processo de alfabetização e letramento. Além de iniciar-se uma tímida, mas presente, formação tecnológica para professores, adotou-se, ainda, o ensino remoto como uma realidade a ser encarada por todos na área da educação. A afirmação de Isabel, “*eu no terceiro ano, como teve aula online, eu gostava de pegar o meu celular e entrar no aplicativo e ler*”, evidencia que o ensino remoto acabou por impulsionar o aparelho celular como mais uma ferramenta de ensino. Para além dos usos do aparelho para jogos eletrônicos e interação nas redes sociais, o celular passou a ser também um suporte para a leitura e tarefas escolares

O surgimento da pandemia de coronavírus, que teve início em dezembro de 2019 na China e se espalhou por todo o mundo, ocorreram mudanças significativas em todas as áreas da sociedade, incluindo o fechamento das escolas e a adoção do ensino à distância como forma de suavizar os danos na educação dos alunos. De repente, as práticas e metodologias de

ensino tiveram que ser interrompidas no formato presencial e repensadas para se adaptarem ao ensino remoto temporário, utilizando-se de tecnologias digitais.

Novas diretrizes de ensino e aprendizagem foram incorporadas às práticas pedagógicas em todos os níveis da educação básica. No entanto, no processo de alfabetização e letramento escolar, essa situação obrigou os professores, estudantes e familiares a encararem o ensino remoto como um desafio coletivo para reinventar e atribuir um novo significado à aprendizagem dos alunos e ao ensino dos professores.

ENTREVISTA COLETIVA: Um diálogo entre leitoras do 5º ano.

Como anunciado anteriormente, dois tipos de entrevistas foram realizadas na presente pesquisa: individuais e coletivas. Foram utilizadas por oferecerem diferentes pontos de vista entre pesquisadora e entrevistadas. Após a análise da entrevista individual, sentimos a necessidade de aprofundar as questões e também trazer as reflexões compartilhadas pelas alunas, repensando e revendo suas respostas para analisar as questões controversas encontradas. No dia 24 de novembro de 2022, foi feita a entrevista coletiva. Utilizamos a entrevista coletiva para provocar o debate entre as entrevistadas e identificar e reconhecer as concordâncias e discordâncias presentes no decorrer das entrevistas. (KRAMER, 2007)

Assim como as entrevistas individuais, a entrevista coletiva foi gravada por consentimentos das alunas. Durante a entrevista procuramos ouvir com atenção, demonstrando compreensão e interesse, às vezes interferindo nos relatos para que as ideias que estavam sendo construídas pudessem fluir.

Na análise dos dados das entrevistas elencamos três eixos de discussão: Mediadores e suas práticas; As práticas de leitura adotadas pelas alunas; Elementos que instigam a leitura.

4.1. Mediadores e suas práticas

Primeiramente, busco aqui descrever que pelas entrevistas coletivas pude analisar as controvérsias de algumas questões detectadas nas entrevistas individuais. E através da entrevista coletiva as alunas refletiram mais as questões e teceram suas histórias repensando, relembando memórias. Assim como na pesquisa de Kramer (2007), as alunas se sentiram mais à vontade, fazendo perguntas umas às outras, falaram de mediadores e incentivadores em comum. Relataram fatos e pessoas que apareciam no relato da outra.

Foi possível perceber que a questão mais fundante nas falas das entrevistadas foram os mediadores e suas práticas. As práticas desses mediadores foram tomadas como facilitadoras do encontro entre os leitores e a leitura, dada principalmente através dos livros. Em seus relatos pudemos conhecer os mediadores/incentivadores e algumas das práticas de leitura adotadas por eles.

O contato com a leitura inicia-se através da mediação de algum incentivador, exercendo, deste modo, uma influência no que diz respeito à formação de leitores. Como descrito por Petit (2008, p.145), “o mediador para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que tenha experimentado esse amor”. Assim, esses mediadores podem fazer com que brote um novo leitor, até mesmo renascendo um leitor adormecido. Quando perguntamos se houve alguma pessoa da sua família, que as fizeram gostar de ler, as alunas responderam:

Foi a minha madrinha, Ela é professora, aí eu estudei com ela no primeiro ano. Aí ela tinha vários livros na casa dela e lá na escola também, na sala dela, nos intervalos ela pegava livros para eu ler. Eu ia muito para casa dela, ia no sábado e voltava no domingo. Quando eu chegava lá, ela estava descansando da escola. Quando acordava, ela me chamava para ler. A gente lia e a minha mãe também, porque quando eu ia para casa da minha madrinha, eu pegava livros para levar. Acho que aqueles livros bem fininho mesmo. E aí, minha mãe me ajudava a ler. (URSINHA)

Para Isabel, uma das suas incentivadoras na leitura foi a prima, sendo que sempre pega livros emprestados com ela.

A minha prima, ela comprava vários livros. A minha prima também sempre me ensinava a ler. Quando ela ia lá em casa, ela levava alguns livros. E agora que eu cresci, quando eu vou lá na casa da minha prima, eu pego alguns livros emprestado, porque ela tem vários, quando eu termino de ler um livro eu vou lá na casa dela e pego alguns emprestados. (ISABEL)

A aluna Hermione enfatiza que dentre seus familiares sua principal incentivadora foi a avó.

A minha vó. Ela é formada em pedagogia, a minha vó, aí me influenciou a ler. Ela sempre comprava livros pra mim, ela me influenciou ler e eu consegui. (HERMIONE).

A leitura influenciada pela família objetiva o conhecimento de si e a compreensão do mundo, portanto a sua “própria cultura”. (SILVA, 2019). A autora Silva (p. 60, 2019) salienta que, “a leitura na família também é cercada de intervenções e, mesmo que inconscientemente,

essas intervenções também concebem a leitura em família como um processo de construção de sentido, ainda que informal, ligada ao lazer, de construção e de representações afetivas.”

No que foi observado nas falas das três alunas, a família delas teve papel relevante nesse incentivo, como discutido pelos autores acima. No caso das entrevistadas, o gosto pela leitura se inicia no meio familiar.

Vale, ainda, dar importância à influência dentro desse contexto familiar das alunas entrevistadas, lembrando que a leitura que se faz em família “tem como objetivo a descoberta do mundo, de si mesmo, para vislumbrar o que se é e onde está, para compreender o mundo, para compreender, portanto, a sua própria cultura” (SILVA, 2019, p. 60). Ler, então, é mais que uma atividade escolar, é a criação de raízes.

Outro dado relevante é que os mediadores elencados pelas entrevistadas, em geral são mulheres: a professora, a avó, a prima, a madrinha e a mãe. Esse é um dado percebido em pesquisa realizada anteriormente no trabalho de conclusão do curso de pedagogia (BORGES, 2018, p. 27), Dos oito trabalhos analisados, sete mencionaram a figura feminina como incentivadora de leitura, tais como, professoras, mães, irmãs mais velhas.

Além da família, tanto Hermione quanto Isabel e Ursinha apontaram também mediadores educadores (as professoras) como importante em suas formações como leitoras. Assim como inferimos dos dados, família e escola constituem uma importante relação para a formação de leitores. A família oferta a visão do mundo desde o nascimento, já o meio escolar oferece o acesso aos significados do mundo que foram e estão sendo produzidos ao longo da história. Para Brasil (p. 51, 2019):

Famílias e escolas são duas instâncias fundamentais da formação do sujeito, porque é na família e na escola que a criança irá viver as suas primeiras relações afetivas e sociais, e será nessas instituições que apreenderá e se apropriará dos significados que foram elaborados pela humanidade e que serão ressignificados por ele na sua história pessoal.

A autora ainda salienta que essa mediação se inicia no meio familiar e estende para o meio escolar, ou seja, são mediações em espaços diferentes em que uma complementa a outra.

A mediação cultural no meio familiar ocorre desde a mais tenra idade através de narrações, gestos, canções, dentre outras formas de interação com os bebês e crianças pequenas. Especialmente no que se refere à leitura literária, no ambiente familiar, ela ocorre de maneira que as crianças vivenciam uma rede de comunicação e compartilhamento de sentidos de forma espontânea. Momentos de leitura nesse ambiente possibilitam não só o fortalecimento dos vínculos afetivos entre adultos e crianças, como favorecem o desenvolvimento cognitivo e social. (BRASIL, p. 54, 2019)

No quadro abaixo elencamos as mediadoras/incentivadoras apontadas pela alunas, e as práticas utilizadas por elas.

Quadro 03: Mediadores e suas práticas

Entrevistadas	Mediadores	Práticas utilizadas pelos mediadores
HERMIONE	Professora, Avó	Empréstimos de livros em bancas, leitura oral
ISABEL	Professora, Prima	Leitura compartilhada, compra e empréstimo de livros, leitura oral
URSINHA	Professora, Madrinha, Mãe	Leitura oral, interpretação de texto, Produção de texto

Fonte: Dados da pesquisa

No que se refere às práticas adotadas pelas mediadoras, a professora Donária foi uma das mais citada pelas alunas. Essa professora despertou o interesse pela leitura das entrevistadas utilizando diversas formas de mediação, tais como: leitura compartilhada, leitura oralizada, empréstimos de livros da sua própria casa.

A tia Donária que chamava eu e algumas outras amigas para ir lá na casa dela. E a gente sempre ia na hora do recreio, a casa dela é aqui pertinho e a gente sempre ia na casa dela, visitava a mãe dela também e ficávamos por lá até a hora de voltar pra escola. A diretora sempre deixava, mas era sempre alguns, não era todos. Nós chegávamos lá na casa da tia Donária e ela lia para nós. Ela tinha vários livros infantis, sabe, pra gente mesmo, eu sempre pegava, levava para casa e depois devolvia. Eu comecei a pegar livros com a tia Donária e depois eu fui comprando mais e tudo. (ISABEL)

Eu comecei a ler mais ou menos com uns 4/5 anos, porque eu aprendi a ler aqui na escola, no Jardim, porque a tia Donária, sempre ajudava a gente pra valer, sabe. Ela sempre ajudava a gente a ler. (ISABEL)

Evidentemente, esse gosto pela leitura se ampliou por meio das inúmeras influencias e incentivos dos professores.

Através de suas diversas formas de mediação, a professora Donária criou um ambiente propício para o desenvolvimento do desejo pela leitura. A prática da leitura compartilhada foi uma das estratégias utilizadas por Donária. Ao ler em conjunto com as alunas, ela não apenas estimulou o interesse pela leitura, mas também criou um espaço de troca, onde as alunas

puderam compartilhar suas percepções, dúvidas e emoções relacionadas aos livros. Essa abordagem ajudou a fortalecer a conexão afetiva das alunas com a leitura, tornando-a uma atividade prazerosa e significativa. Cosson (2021, p.25) ao problematizar a leitura compartilhada, como uma das estratégias utilizadas nos círculos de leitura diz que essa é “uma atividade pedagógica privilegiada para incentivar, desenvolver e consolidar diversas práticas de leitura e de socialização”, elementos importantes no desenvolvimento do leitor e na educação integral do aluno.

Outra forma de mediação utilizada pela professora foi a leitura oralizada. Ao ler em voz alta, Donária trouxe vida às palavras e às histórias, despertando a imaginação das alunas e fazendo com que se envolvessem emocionalmente com os personagens e enredos. Essa prática permitiu que as alunas experimentassem a fluidez da leitura, aumentando sua compreensão e fluência verbal.

Desde o século XVIII, a leitura oralizada é considerada uma maneira de ler “lenta, profundamente compreendida, partilhada, é o modelo de leitura, aquele que se deve ensinar”. (BAJARD, 2014 p. 45). O autor ainda enfatiza que o professor “consegue promover o gosto pelos livros, efetuando, ele mesmo, de vez em quando, para toda classe, uma pequena sessão de leitura.” (BAJARD, 2014, p.37).

Abramovich (1997, p.16) afirma a importância de ouvir histórias para a formação do leitor, segundo ela, escutar histórias é o “início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

Além disso, a disponibilidade da professora em emprestar livros da sua própria casa teve um impacto significativo. Essa atitude demonstrou que a leitura é valorizada e incentivada não apenas na escola, mas também fora dela. Ao ter acesso a uma variedade de livros emprestados, as alunas foram estimuladas a explorar diferentes gêneros, estilos e autores, ampliando assim seus horizontes literários. Esse gesto de generosidade e confiança também fortaleceu o vínculo entre as alunas e a professora, criando um ambiente de apoio e encorajamento para a leitura.

Hermione, Ursinha e Isabel também destacam que uma das suas professoras que as influenciaram na leitura foi a professora Elizabeth e Iris:

Porque assim, eu gosto muito de ler desde pequena. E uma das professoras que me influenciou foi a Íris. (HERMIONE)

Minha professora do Segundo Ano, Elizabeth. Ela passava algumas tarefas no quadro e mandava a gente ler as perguntas lá no quadro,

no livro, só que no livro não era muito, era mais nos quadros. (URSINHA)

“Então a tia Donária e Iris, elas sempre nos ajudava, falavam para a gente pegar livros. Acho que a tia Donária e Iris, foram as que mais me incentivaram a ler. (ISABEL).

De acordo com Furlan (2012, p.12):

A escola, bem como os professores em particular, exerce uma força muito grande no que diz respeito à formação de leitores. Mas ainda é preciso desenvolver mecanismos apropriados para que se possa atingir o interesse pelo gosto da leitura literária em especial pelos nossos alunos. Para isso não é preciso grandes investimentos ou recursos financeiros, basta usar da prática da criatividade. Cabe aqui o papel do mediador de leitura que através de um ato simples pode fazer com que surja um novo leitor, ou até mesmo indiretamente do nada pode acontecer. Desta forma a escola deve estar atenta tais procedimentos e o professor deve ter um conhecimento sólido do quanto os processos cognitivos, sociais, culturais e afetivos de cada leitor são acionados no ato de ler, desempenhando um papel fundamental na sua formação leitora.

As professoras mencionadas pelas alunas proporcionaram um ambiente em que o acesso ao livro e textos literários formaram as alunas como leitoras autônomas desenvolvendo o gosto pelas leitura prazerosas.

4.2. As Práticas de Leitura adotadas pelas alunas

Outro dado ressaltado na entrevista foi a questão das práticas de leitura adotadas pelas alunas. Quando tratamos de leitura entramos no campo variado das práticas de leitura. Nos relatos das entrevistadas, pudemos visualizar que as alunas têm preferência pelo ato de ler de forma silenciosa enfatizando lugares nos quais se sentem mais confortáveis.

Existe em toda leitura uma posição e atitude do corpo, sentado, deitado, alongado, em público, solitário, em pé, a luz do abajur, ou seja um rito de leitura. Quando perguntamos às alunas o modo e local em que se sentiam mais confortáveis para as leituras, as três relataram a preferência por lugares silenciosos em casa. Chartier (1996) considera que as maneiras de ler que os leitores investem neste ato, configura diferentes comunidade de leitores, assim, as práticas leitoras resultam em diferentes maneiras que os textos podem ser lidos e interpretados pelas leitoras.

Eu prefiro ler lá em casa. É assim, segunda-feira a gente vem aqui pra biblioteca, eu não gosto de ler com barulho, é uma barulheira que fica aqui, assim eu não consigo gravar os livros que estão aqui, não consigo me concentrar e eu pego livro frequentemente, três vezes na semana e eu também tenho alguns livros em casa. (HERMIONE)

Eu gosto de ler bastante também em casa, porque aqui igual a Hermione falou, dia de segunda-feira fica muito barulho quando a gente vem. Aí quando a gente vem na segunda, eu pego um livro pra levar pra casa. E aí eu leio. Aí se o livro for um pouco grosso, eu devolvo na quinta, se ele for mais fino, eu devolvo na quarta ou na terça mesmo. Mas eu gosto de ler mais também em casa. (ISABEL)

Eu prefiro ler em casa também, porque, como a Hermione disse, os meninos, alguns, nem todos, fazem muito barulho aqui na sala e não tem como se concentrar. Pra ler aqui, eu prefiro ler em casa aí, tipo assim, quando... É eu, eu, tipo. Eu chego da escola. Aí eu vou dormir e aí depois, quando eu acordo eu leio um pouquinho. Aí à noite, leio o máximo que eu consigo. Aí depois eu vou dormir, no outro dia eu faço essa mesma dinâmica, e aí quando eu acabo o livro, eu entrego. (URSINHA)

Para Ursinha, existe uma rotina de leitura: ler ao acordar, depois do cochilo pós-escola, e ler antes de dormir. Além disso as três entrevistadas enfatizam a preferência pelas suas casas como o espaço mais utilizado para realizar as suas leituras. Ter uma rotina de leitura é de suma importância para o desenvolvimento dos alunos. As falas apresentadas destacam uma das razões pelas quais muitos estudantes preferem ler em casa: o ambiente propício para a concentração. Ao ler em um espaço tranquilo e silencioso, os alunos conseguem se envolver profundamente na leitura, sem distrações ou interrupções. Essa imersão na leitura é fundamental para o desenvolvimento da compreensão, imaginação e reflexão crítica dos estudantes. Além disso, ter uma rotina de leitura em casa permite que os alunos explorem diferentes gêneros literários, ampliem seu vocabulário e aprofundem seus conhecimentos. Ao dedicarem tempo diário à leitura, eles adquirem o hábito de ler por prazer, tornando-se leitores autônomos e motivados. A rotina de leitura no ensino fundamental não só fortalece as habilidades de leitura e escrita dos alunos, mas também contribui para seu crescimento pessoal e intelectual, estimulando a imaginação, o pensamento crítico e a formação de cidadãos conscientes e participativos.

Para Robert Darnton (1995, p. 156), “o onde da leitura é mais importante do que se pode pensar, porque a contextualização do leitor em seu espaço pode fornecer indícios sobre a natureza de sua experiência”. Deste modo, conhecer o espaço onde o ato de ler das alunas é

realizado é investigar as suas práticas de leitura. Darnton (1995) ainda esclarece que a prática de leitura desenvolve-se em diferentes espaços, nas mais variadas formas e posições corporais.

Para além, é possível, ainda, discutir sobre o silêncio. Darnton (1995, p. 170), em uma retomada histórica sobre o processo de leitura, aborda que, em determinado momento, as pessoas começaram a ler sozinhas, em silêncio. Para o autor, “É possível que a passagem para a leitura silenciosa tenha implicado uma maior adaptação mental do que a passagem para o texto impresso, pois ela fazia da leitura uma experiência individual e interior”. No caso das entrevistadas, há a possibilidade de que, ao ler em casa, para além do conforto, lhes é permitido que a leitura seja uma experiência interior, na qual é possível imaginar e criar suas próprias fantasias.

Conforme Chartier (1996, p. 82) o ato de ler é “compreendido como um processo de longa duração, a diferença entre leitura oral e leitura silenciosa também pode ser compreendida como um índice das distâncias socioculturais em uma dada sociedade”, ou seja, cada momento histórico possuiu uma prática de leitura específica de sua época.

A leitura individual e silenciosa relatado pelas entrevistadas, necessita de um ambiente que favoreça a leitura, inferimos que essa prática das alunas ocorre para possibilitar uma relação de concentração e prazer com o livro e as palavras. Chartier enfatiza que essa leitura silenciosa é

Uma leitura de numerosos textos, lidos em uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente. É, também, leitura laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares e porque se espalha um contato desenvolvido com o impresso, que passa de um texto a outro e que não tem mais respeito para com os objetos impressos, amassados, abandonados e jogados. (CHARTIER, p. 86, 2001)

Essa prática de leitura é uma atividade processadora de sentido. Com a fruição das questões da entrevista fizemos uma indagação sobre o que elas achavam da biblioteca da escola e se teria alguma coisa que precisava para chamar mais a atenção para a utilização da biblioteca. Sendo assim, elas responderam:

Aqui é bem confortável, mas eu acho que deveria ter mais livros para leitoras como nós. Acho que deveria ter livros mais para nossa idade, porque eu acho que tem mais para nível do Primeiro Ano. (ISABEL)

Eu faço alguns horários para mim ler, eu leio segunda quando eu pego o livro aqui, depois eu leio um capítulo. Se tiver muitos capítulos, eu leio um capítulo. Mais tarde eu leio outro, aí quarta-feira se eu não tiver acabado o livro, eu leio outro capítulo e sexta também. Assim como Isabel falou, creio que poderia ter mais livros. (HERMIONE)

Acho que a melhoria que tem que ter aqui é mais livros. Começar disso, porque eu já li a maioria. (URSINHA)

Nas palavras de Lourenço Filho (1944, p. 6), “[...] ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é aparelho imperfeito”. A biblioteca dessa forma tem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura.

Outra prática de leitura citada por Isabel, foi utilizar um caderno para fazer anotações das leituras que, de alguma forma, chamaram a sua atenção.

Eu acho que sim, porque, tipo, eu comecei a ler com uns 5, 4 anos, eu sempre levava a leitura a sério, eu nunca lia por ler ou por obrigação. Eu sempre quis ler mesmo. Eu sempre pedi a minha mãe para comprar livro pra mim, ela sempre comprava os fininhos, né. Porque eu gostava de ler mais. Eu não era acostumada a ler aqueles livros grosso. E eu também tinha um caderninho que tinha alguma história de algum livro que eu lia, eu sempre anotava o nome dele e colocava uma parte que eu mais gostei nesse caderno. (ISABEL)

O argumento de Isabel nos leva a inferir intimidade com a leitura, as marcas que o livro que proporcionou o prazer em ler foram anotadas em um caderno, ou seja, a leitura de determinados livros teve significações para a aluna. Para Nogueira (2017, p.34) essas práticas contribuem para os sentidos que o livro despertou nos leitores.

Ler no livro impresso ou no computador, ler silenciosamente ou em voz alta, ouvir uma leitura, ler na cama ou na biblioteca, ler um livro emprestado ou seu, todos estes aspectos influenciam diretamente na leitura construída pelo leitor. Tais elementos individualizam os sentidos de um texto, fazendo com que a mesma obra seja diferente para cada leitor e uma segunda leitura do mesmo livro realizada pelo mesmo leitor.

Para além dos modos de ler, dos mediadores e das práticas de leitura adotadas, as alunas falaram ainda sobre o que as instiga quando vão escolher algo para ler.

4.3. Elementos que instigam a leitura

A leitura é um ato em que o leitor atribui sentido àquilo que está lendo. Há alguns elementos que instigam esse ato de ler, através das histórias das alunas, podemos visualizar alguns desses elementos. O mais citado foi relacionado à ilustração, à capa e o gênero.

Como podemos visualizar pelas respostas das alunas abaixo, vários foram os elementos que instigam a leitura, as ilustrações relatadas por Hermione e Ursinha tornaram a leitura para elas prazerosa e instigante.

Por causa que tem algumas ilustrações também, e porque tem alguns livros que eu me interesse, sabe, porque eu vejo a capa e a história. (HERMIONE).

Para ser uma pessoa leitora, tipo assim, você tem que entender a história para você falar sobre o livro e também não pegar o livro pela capa e não julgar também né. Eu sempre, quando vou pegar o livro, eu vejo atrás um pouco de história que sempre passa, né? (ISABEL).

As ilustrações, que tem umas perfeitas. Tipo alguns personagens também que eu já conheço, tipo. É da turma da Emília, é? Eu já li. Acho que uns 2,3 eu acho, se eu não me engano, muito bons. E eles também são grande. E aí eu lia quatro capítulo por dia, porque era muito grande. Leio vários livros também, gosto de algumas ilustrações. E assim depende da história. Eu gosto mais de romance, mas eu também leio qualquer livro, não importa se é bom ou ruim eu estou lendo. (URSINHA)

As ilustrações criam uma aliança com o texto dentro do livro, desempenhando um suporte narrativo mais suave, prazeroso, que torna o livro mais fácil de interpretar, tornando o livro objeto de curiosidade mesmo para aqueles que ainda não sabem ler. Assim, as ilustrações “que cem anos atrás eram apenas enfeite do livro, respiração para arejar a massa textual, acabaram ocupando um espaço maior do que o texto. Chegaram mesmo em algumas obras a se apresentarem sozinhas.” (LAGO, 1994, apud: BAJARD, 2014, p.36). As imagens inseridas nos livros são como pontes que, levam ao texto, assim seduzindo a criança e a levantar hipóteses sobre a história do livro.

Conforme Bajard (2014, p. 68), “a utilização da imagem nos livros dirigidos à infância modificou completamente a relação da criança com o mundo da escrita, na medida em que o acesso à literatura escapa à intervenção escolar”.

Ainda sobre os elementos que instigam a leitura, Hermione, ao ser questionada sobre o que a faz escolher um livro para ler, afirmou que:

Eu olho a capa e eu abro a parte do livro. Uma parte que vem falando do autor e também de um pouco da história, na parte de trás. Aí eu sempre leio para ver se tem uma história assim, que é mais para o nível do quinto, porque tem alguns que é para o nível do quarto, Mas eu gosto bastante. (HERMIONE)

Isabel corroborou com a colega e acrescentou:

Assim, eu olho também na capa e atrás, e eu sempre tento procurar do quinto ano também, mas quando tem alguns livros do quinto ano que eu vejo que não é, que eu não vou gostar muito, eu não pego, tipo eu gosto de pegar aqueles livros mais grosso pra mim ler, sabe? E aí eu sempre olho a capa. E atrás, e vejo se eu vou gostar. (ISABEL)

Hermione e Isabel assim como relatado na entrevista individual, enfatizaram mais uma vez, a capa do livro como uma das principais formas de escolher um livro, pressupomos dessa forma, que a capa é uma dos elementos que instiga a leitura e antecipa as intenções dos possíveis efeitos dos livros escolhidos pelos leitores.

Sehn (2012) elucida que, assim como inferido pelas respostas das alunas, somos seduzidos pelo aspecto exterior do livro e não há como não julgar seu formato. A autora também relata que historicamente:

No Brasil, foi na década de 1920, a partir da ideia de Monteiro Lobato, que a capa principiou a se destacar e o projeto gráfico do livro começou a melhorar. Nesse momento, esta passou a ser tratada como um anúncio do livro, um espaço para cativar o leitor e convidá-lo à leitura: nasce assim a capa ilustrada. (SEHN, 2012, s.p)

A capa do livro, dessa forma, ampliou as experiências de leitura das alunas Hermione e Isabel, contribuindo para elas adentrarem para o universo da leitura de uma forma prazerosa. (FLECK, CUNHA e CALDIN, 2016)

Hermione complementou sua resposta: mais do que as ilustrações, seus interesses por outra língua também a fazem escolher um livro, é o caso dos livros escritos em inglês. A aluna também direcionou a escolha do livro pela capa e espessura. Para a aluna:

Ah, eu estou fazendo aula de inglês. Eu estou pegando alguns livros em inglês. Eu tenho bastante livro lá em casa, guardado. É assim, eu não leio livro que é para criança. Eu leio livro pra adulto mesmo. Eu li um que ele é grossão, da capa vermelha, levei acho que uma semana para ler também. Ele tinha muitas páginas. Eu acho que você vai gostar dele. (HERMIONE)

Primeiramente, observamos que as aulas de inglês da Hermione foram incentivadora para a inclusão de mais livros no repertório da aluna. Em segundo, observamos que a aluna faz a escolha do livro também pela espessura e também escolhe livro para “adultos”.

Ursinha, em determinado momento, comentou sobre o livro Uma escuridão bonita, o último livro lido por ela. Ao ser questionada sobre o que a fez escolher aquele livro, a aluna disse que:

Eu já tinha lido ele antes de abrir pro quinto ano, porque no último dia de aula, antes de entrar de férias eu li ele. Eu vim pra escola, ele estava aqui na biblioteca. Aí desde esse primeiro dia achei perfeito. Aí eu achei ele de novo, eu estava procurando ele desde quando abriu a biblioteca para reservar pra levar pra casa e eu não achei aí. Eu peguei, achei ele depois, aí eu peguei e levei para casa. (URSINHA)

Podemos perceber que esse livro despertou uma ânsia de ler na aluna, na espera pelo livro durante as férias, transformando-a na “própria esperança de alegria” como a personagem do conto felicidade clandestina.

Dando continuidade, questionamos também às alunas qual é o livro favorito de cada uma delas. Ursinha respondeu ser o último lido, Uma escuridão bonita, enquanto Hermione e Isabel disseram que:

Meu guru aqui da escola”. E um que eu comprei que chama “Chá chinês”. Ele é muito, muito bom. Que ele fala de uma história, de um casal que andava pelo mundo. Do mundo inteiro. Só que eles nunca acharam lugar Específico para ficar e que eles gostassem da cultura. Aí eles, procuraram, procuraram, aí uma vez eles entraram numa cafeteria e lá estava escrito no cardápio chá chinês por isso. É o nome do livro. E eles tomaram o chá chinês. E eles quiseram saber receita daquele chá. E aí eles procuraram, tentaram achar, mas não conseguiram. Aí eles criaram tipo uma representação do chá chinês, só que não na China, parece que eles criaram. Eu esqueci o nome de Pais. Lá na Holanda. Aí eles criaram essa representação lá é fala sobre, tipo uma cafeteria que abriu há muito tempo. Eu acho que ela tem mesmo. E viajaram o mundo para ver se conseguia achar uma culinária que gostassem. (HERMIONE)

Tenho 2, eu tenho Anne e Amor Gelado. A Anne é porque tem uma série dela e a minha mãe, é que ela gosta de ler também, eu amei, nós assistimos, já estamos na segunda vez assistindo. Aí eu encontrei o livro dela no shopping, aí eu comprei. Aí eu estou achando interessante até. E amor gelado, porque as pessoas falaram que era bom. E eu fiquei curiosa, eu comprei, também gostei. (ISABEL).

Aqui fica evidente que a mediação da leitura foi consolidada. Elas sabem procurar a leitura que lhes agrada, sabem selecionar, leem e anotam o que consideram importante, estabelecem relações entre as leituras e suas leituras de mundo, compartilham com outros colegas indicações de leituras, ou seja, a mediação realizada colhe seus frutos com essas

meninas leitoras que se deixaram tocar pela leitura e compartilham com suas mediadoras no seio familiar as leituras sugeridas, lidas e suas impressões. Para além da leitura é preciso ter com quem compartilhar as impressões – o que os clubes de leitura fazem.

Outro fator instigador descrito principalmente pela aluna Isabel foi relacionado as adaptações dos livros em séries e filmes. Podemos inferir que essas adaptações são de fato impulsionadoras para a procura do livro. Além disso, essas adaptações também podem proporcionar que as crianças se sintam motivadas a ler, explorar novos gêneros literários e expandir seu repertório de leitura. O compartilhamento com os colegas e o mediador sobre os temas abordados nas séries e filmes, pode assim estimular a leitura do livro para aprofundar a história, já que essas adaptações retiram muitos elementos e detalhes da história original.

Esse capítulo problematizou os dados obtidos nas entrevistas individuais e coletivas das participantes da pesquisa, evidenciando os elementos que instigaram as alunas na escolha e no ato de ler, os mediadores envolvidos nesse processo e as práticas de leituras das alunas. A partir das análises e discussões aqui apresentadas, inferimos algumas considerações que julgamos pertinente acerca dessa pesquisa e de seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação é resultado do período de estudo, observação e desenvolvimento da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação – PPGEDUC, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Catalão – UFCAT, na linha 3 – Leitura, Educação e Ensino de Língua Materna e Ciências da Natureza. Os achados e reflexões suscitados pela pesquisa serão elencados, retomando-se os aspectos que delinearam nosso estudo, principalmente os objetivos e a problemática investigada.

Em relação aos objetivos, o que pudemos inferir a partir da análise e discussão dos dados é, no que se refere ao objetivo principal: problematizar quem são as pessoas que incentivaram, mediaram a leitura de alunos considerados leitores do 5º ano do Ensino Fundamental. Observamos que as três alunas apontaram suas professoras e a família (madrinha, irmã, avó e prima) como incentivadoras de leitura. A mediação dessas influenciadoras foi tomada como facilitadora no encontro entre leitores e a leitura, dada principalmente através dos livros. É importante ressaltar que, como diz Nogueira (2017). Ser mediador no Brasil não é uma tarefa fácil, pois necessita lidar com uma série de empecilhos, principalmente no que se refere às políticas públicas vigentes. Mesmo assim, nas inferências

que percorremos ao longo deste trabalho, pudemos identificar que os incentivadores/mediadores de leitura contribuíram de forma significativa na formação leitora das alunas.

Na fala das três alunas, o gosto pela leitura se inicia no meio familiar, e posteriormente, se estende no meio escolar através de professoras que intensificaram esse prazer pela leitura. Outro ponto verificado é que os principais mediadores citados pelas entrevistadas são mulheres: professora, avó, prima, mãe e irmã, demonstrando assim, o destaque da figura feminina na formação de leitores. Assim como inferimos nos dados, família e escola constituem uma importante relação para a formação de leitores. (GALVÃO BRASIL, 2019).

Vale ressaltar que a influência familiar e escolar desempenham um papel significativo, já que as alunas mencionam a presença de livros em casa e compartilham a experiência de ler junto com familiares. Esses dados também foram evidenciados na pesquisa de Silva (2019, p. 23), os alunos entrevistados em sua pesquisa faziam o “compartilhamento das leituras com os irmãos”, reconhecendo assim a herança do meio familiar no gosto pela leitura.

Essas informações indicam que o percurso escolar dessas alunas leitoras é permeado por uma rotina de leitura fora do ambiente escolar, ressaltando a importância do apoio dos familiares e de um ambiente propício para o desenvolvimento e incentivo à prática leitora. Esses resultados reforçam a importância da família e dos professores como principais mediadores, uma vez que todos os participantes, mesmo aqueles que afirmam não gostar de ler ou não se considerarem leitores, tiveram suas trajetórias leitoras influenciadas de maneira significativa por eles.

Quanto aos objetivos específicos: estratégias de leitura utilizada pelos mediadores, o que podemos inferir é que os mediadores utilizam diversas estratégias como leitura compartilhada e empréstimo de livros da própria casa, despertando o interesse pela leitura das alunas, como também criando um espaço de troca, onde as meninas puderam compartilhar suas emoções, dúvidas e percepções relacionadas aos livros. Também com a leitura oralizada, as incentivadoras proporcionaram momentos que despertaram a imaginação das alunas (ABRAMOVICH, 1997) levando-as a se envolver emocionalmente com os personagens e enredos, como também permitiu que as entrevistadas experimentassem a fluidez da leitura.

Quanto ao modo e local em que se sentiam mais confortáveis para as leituras, as três relataram a preferência por lugares silenciosos em casa. Ficou evidente que o ambiente é influenciador no momento da leitura, uma vez que essas alunas demonstraram uma

preferência por ler em casa, destacando a dificuldade de concentração devido ao barulho presente na biblioteca da escola.

Essa escolha reflete a importância de um ambiente tranquilo e propício para a leitura, onde elas se sentem mais confortáveis e podem se concentrar melhor. Além disso, elas mencionam a frequência com que leem, estabelecendo horários e rituais para a prática da leitura em diferentes momentos da semana. Embora o número de livros lidos possa variar, elas mostram o compromisso de dedicar tempo à leitura regularmente.

E, por fim, identificar como a escola contribui com a formação de alunos leitores. As três alunas participantes da pesquisa, citaram as professoras como suas incentivadoras de leitura. Elas citam estratégias de leitura utilizadas pelas professoras tais como a leitura oralizada, a escolha cuidadosa dos livros e as técnicas de leitura tais como leitura compartilhada e empréstimos de livros. Tais dados coadunam com o estudo de Antunes (2003), em que o leitor aprecia a leitura sem que haja a obrigatoriedade de retorno exclusivamente escolar, mas ler por gostar e admirar o compartilhamento de leituras.

Nos estudos de Nogueira (2017), foi apresentado que a escola foi vista como um espaço de desmotivação, de crítica (falta de estrutura, incentivos, escassez de trabalho com a leitura, turmas com sala lotadas, práticas repetidas), ou seja, não possuindo espaço para se construir o gosto pela leitura. No nosso trabalho foi encontrado que a escola, no caso das participantes do presente estudo, proporcionou um bom envolvimento no incentivo à leitura das alunas e que a leitura foi trabalhada de forma prazerosa, significativa desenvolvendo a formação leitora de seus alunos.

Em alguns estudos e leituras feitos para esse trabalho prevaleceu um discurso de culpabilização do meio familiar e escolar no fracasso e desprazer pela leitura, nossa pesquisa assim, como a pesquisa de BRASIL GALVÃO (2019) avança nessa questão, mostrando que quando nesses meios, é incentivado o prazer, o compartilhamento, os incentivos, as mediações de leitura são trabalhadas como uma forma de valorização das práticas leitoras.

Além das inferências realizadas a partir dos objetivos elencados na investigação, os dados também nos levaram à algumas considerações, tais como alunos que afirmaram não se considerar leitores, mas, mesmo assim, admitiram gostar de ler e se identificaram com alguma prática leitora, mesmo que de forma ainda não plenamente consciente. Esses alunos (10) disseram gostar de ler, mas não se consideravam leitores. Inferimos que esses alunos possuem o gosto pela leitura, mas possuem alguma dificuldade, falta de interesse, consideram que as leituras que fazem não são legítimas, entre outros motivos, assim desconsiderando por eles

seu hábito leitor. Por meio das respostas desses alunos nas questões podemos pressupor que eles possuem interesse pela leitura, mas a maioria ainda lê por obrigação escolar ou não considera as leituras feitas como legítimas. Tal dado coaduna com a problematização feita por ABREU(2006) ao falar da “suposta crise de leitura no Brasil”. Para ela o campo da leitura é carregado de juízo de valores tais como “as pessoas lêem livros sem valor” ou “leituras que não interessam”. O que podemos pressupor é que esses alunos, imbuídos desses valores, sentem que as leituras que realizam são de menor valor ou são de menor importância. Vale ressaltar também que um desses alunos mesmo não se considerando leitor, pratica algumas leituras (HQ’s e livros) o que evidencia que o livro ainda é o material por excelência considerado como leitura autorizada

Três participantes da pesquisa (sendo todos meninos) responderam que não gostam de ler e não se consideram leitores. Nesse tópico, pressupomos que apesar das respostas às questões do questionário, os alunos se contradizem, não gostam de ler e nem se consideram leitores como afirmaram, mas nos levam a crer que possuem traços leitores. Dois desses alunos pegam livros na biblioteca, e um respondeu que não pega livros, essa é uma resposta mais coerente com as duas anteriores. Outro dado importante é que todos os três apontaram pessoas que consideravam seus incentivadores para ler. Os incentivadores de leitura apontados foram no âmbito escolar (Professores) e familiar (irmã/irmão, pais). Inferimos, pelas respostas desses três alunos, que esse incentivo não favoreceu o estímulo e o gosto pela leitura. Pressupomos também que esses alunos talvez leiam por exigência escolar. Dessa forma, pode-se afirmar, que a leitura não é entendida por todos alunos de maneira uniforme, principalmente, como ressalta (ANTUNES, 2003) por ainda se observar nas práticas escolares, leituras sem uma função social, voltadas principalmente para a superfície do texto e para a decodificação.

Ao finalizar esta dissertação sobre leitores e mediadores, podemos afirmar que a mediação da leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos alunos como leitores e na formação de sua identidade leitora. A partir da análise das estratégias de leitura utilizadas pelos mediadores, do percurso escolar dos alunos considerados leitores e do papel da escola na formação de leitores, pudemos compreender a importância dos mediadores na promoção do prazer pela leitura, na ampliação do repertório literário dos alunos e no desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação textual.

Concluimos que é essencial que sejam realizadas pesquisas e estudos que ampliem o conhecimento sobre a mediação de leitura, buscando aprimorar as práticas e estratégias

utilizadas, sempre com o objetivo de formar leitores competentes, críticos e apaixonados pela leitura. Para além, a escola deve investir na formação contínua de seus professores, para que estes estejam preparados para atuarem como mediadores de leitura eficazes, capazes de despertar o interesse e o prazer pela leitura nos alunos.

Por fim, espera-se que esta dissertação contribua para a reflexão e a valorização da mediação de leitura como uma prática fundamental no processo de formação de leitores, destacando a importância dos mediadores e ressaltando a necessidade de investimentos e políticas educacionais que promovam e incentivem a leitura em todas as etapas da vida escolar dos alunos. Acreditamos que, através do fortalecimento da mediação de leitura, será possível formar uma sociedade mais crítica, criativa e participativa, na qual a leitura seja valorizada como uma ferramenta transformadora e enriquecedora para todos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Flávia Ferreira. **Mediação e leitura na biblioteca escolar**: estudo de casos múltiplos. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

ABREU, Marcia. **Os livros e suas dificuldades**. Disponível em: <http://www.alb.com.br/ensaios/ens002.asp>. Acesso em: Fevereiro de 2022.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Papirus editora, 2013.

ANJOS, Luciana Moreira dos; BARBOSA, Aline; FERREIRA, Francine Veloso. **A importância da leitura no processo de alfabetização e o uso da biblioteca como espaço de construção do encanto pelo ato de ler**. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/3.40.pdf. Acesso em 30 de julho de 2014.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontro e interação. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, v.51, 2014.

BAJARD, Élie. **Ler e dizer**: compreensão e comunicação do texto escrito. – 6. Ed. – São Paulo: Cortez, v.52, 2014.

BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas**: O valor da escuta nas práticas de leitura. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BALSAN, Silvana Ferreira de Souza; SILVA, Joice Ribeiro Machado. **Estratégias de leitura & Solé**: Reflexões sobre a formação leitora. Revista & Literatura em Revista, São Paulo, 5.ed. 2020.

BARBIER, Frederic. **História do livro**. Trad. Valdir Heitor Barzotto et al. São Paulo: Paulistana, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 32ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016

BORDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, Marcela Galvão. **Família e escola: o envolvimento das famílias na formação do leitor da literatura**. Universidade de Juiz de Fora, 2019.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes de desacordos: a leitura além do óbvio**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

CALKINS, Lucy McCormick. **A arte de ensinar a escrever**. Porto Alegre: Artes Médicas, tradução Deise Batista, 1989.

CAMARGO, Itamar Xavier de. **A formação de leitores em uma escola municipal do interior paulista: contribuições da teoria histórico-cultural para análise qualitativa do projeto de extensão leitura campeã**. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: Um Diálogo entre a Teoria e a Prática**. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: Do leitor ao navegador**. – São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: **Práticas de leitura**. – São Paulo: Estação Liberdade, p.77 – 103, 1996.

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento; introdução de Alcir Pécora. – 2.ed. – São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Trad. Marcos Bagno, São Paulo. Editora Pulo do Gato, 2014.

CORSI, Solange da Silva. **Formação literária em uma escola de tempo integral: novos modos de relação entre o jovem e os livros?** 2017. 255 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. – São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Jéssica Fernandes. **O papel da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem.** - Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette:** mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DE PIETRI, Émerson. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente.** – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino.** 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DORIGONI, Gilza Maria Leite; SILVA João Carlos da. **Mídia e educação e o uso de novas tecnologias no trabalho escolar:** Da reflexão para a prática pedagógica. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_gilza_maria_leite_dorigoni.pdf.

FARIA, Franceneuza Santos de Lima. **Mediação da leitura literária e prática docente na formação do jovem leitor.** – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

FÉLIX, A. F., &DUARTE, A. B. S. (2015). **A biblioteca escolar como espaço diferenciado:** a perspectiva da cultura escolar. *Biblioteca Escolar Em Revista*, 3(2), 1-14. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2015.106607>

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo de Vieira da; CALDIN, Clarice Fortkamp. **Livro ilustrado:** texto, imagem e mediação. *Perspect. ciênc. inf.* 21 (1) • Jan-Mar 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pci/a/qjzs8gJfMWHfK3XqmRphqR/>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Trad. Bruno Charles Magne. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FURLAN, Rodrigo. **Leitura, mediação e formação de leitores.** São Lourenço, Uno Chapecó, 2012.

GALVÃO, A. M. de Oliveira. **Cordel:** leitores e ouvintes. Belo Horizonte. Autêntica. 2001.

GIACOMINI, Isabela. (Et. al). **“Eles não gostam de ler”:** análise das estratégias de incentivo à leitura nas aulas de Língua Portuguesa. *Revista Crátilo*, 11(2): 75-90, dez. 2018 © Centro Universitário de Patos de Minas. Disponível em: <http://cratilo.unipam.edu.br>

GROTTA, E. C. B. **Processo de formação do leitor:** relato e análise de quatro histórias de vida. Dissertação de Mestrado. Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2000.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora:** a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais. – Campinas, SP: Mercado de Letras: Faep/Unicamp: São Paulo: Fapesp, 2002.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro – Maio/2016. 4ª ed. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>>. Acesso em: 21 de Agosto de 2016.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. / Vanda Maria Elias – São Paulo: Contexto, 2009.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. – Campinas, SP: Pontes, 1989.

KLINKLE, Karina. Práticas de leitura e escrita como exercícios do cuidado de si: Eliane Marta Teixeira. In: PERES, Selma Martines. **Leitura: história e práticas**. – Goiânia: Câne Editorial, 2013.

KRAMER, Sonia. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com a diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM, Solange; KRAMER, Sonia. **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2007.

KRUG, Flavia Susana. **A importância da leitura na formação do leitor**. Revista de Educação do IDEAU, Vol. 10 – Nº 22 - Julho – Dezembro, 2015.

LAHIRE, B. **Homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva. A afetividade no processo de constituição do leitor. In: **Atos de pesquisa em educação**. – PPGE/ME, FURB. ISSN 1809-0354, v.6, n.1, p.25-52. Jan./abr. 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina: Contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.07-10, 1981.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARINHO, Ana Lúcia Torres. O LEITOR BRASILEIRO E A DICOTOMIA DA QUANTIDADE X qualidade. **Anais Evento XIV Jornada pedagógica**. Disponível: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/23333>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: Contexto de observação, interação e descoberta. In: DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NEITZEL, Adair de Aguiar; BRIDON, Janete; WEISS, Cláudia Sueli. Mediações de Leitura: Encontros na sala de aula. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.97, n.246, p.305-322, Agosto, 2016.

NOGUEIRA, Poliane Vieira. **Do autor ao leitor:** os processos de mediação que marcam o encontro das crianças e jovens com o livro. 2017. 134 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

PRADO, Jason (Org.); CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor:** pontos de vista, Rio de Janeiro: Argus, p.920, 1999.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** Uma nova perspectiva. São Paulo: 34 eds., 2008.

RAMOS, F. B.; NUNES, M. F. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 48, p. 251-263, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/HFVJT5gN4Nfx7PqjfRY9CrR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2023.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Letramento no Brasil:** Reflexões a partir do INAF 2001. – São Paulo: Global, 2003.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e alfabetização do plano do choro ao plano da ação.** – Porto Alegre. Artmed Editora, 2001.

SEHN, Thaís Cristina Martino. A capa do livro como instrumento de escolha para o mundo da leitura. In: **Seminário de história da arte**. Ed.11, Pelotas, 2012. Disponibilizado em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/1726/1605>

SILVA, Cleidiane Gonçalves da; PIMENTEL, Cristiane Moraes; PAIXÃO, Eliane Maria de Lima; CAMPOS, Jucilene Pinto de; NOGUEIRA, Sandra Aparecida. A prática da leitura no ensino fundamental. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.7.n.10. out. 2021.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca.** – 2ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura:** ensaios. – Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVA, Lilian Lopes Martins da. **A escolarização do leitor:** a didática da destruição da leitura. Dissertação de mestrado, Campinas-São Paulo, p. 150, 1989.

SILVA, Nathaly Cristhine Ramos da. **A mediação de práticas de leitura de livros literários na escola:** uma perspectiva etnográfica. – Recife, 2018.

SILVA, Vanessa Gimenez da. **Quando a leitura é uma herança.** / - - Assis, 2019. 143 p. il, tabs. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp). 2019.

SILVÉRIO, Silmara da Rocha. **Design editorial:** proposta de um template dinâmico para livros de literatura infantil. Monografia, Graduação em Design, Caruaru, 2011.

SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Leitura do professor, leitura do aluno:** Processos de formação continuada. – São Paulo: Unesp, S/D.

STEVENSON, Robert Louis. **Livros que me influenciaram.** The British Weekly. 1887

VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula.** São Paulo: Coleção Como usar em sala de aula, Contexto, 2004.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso:** A leitura e o leitor. Letras, Curitiba, n.44, p.185-196, Editora da UFPR, 1995

APÊNDICES

Apêndice 01 – Questionário

Nome:

Sexo: () F () M Idade:

Bairro e Cidade onde mora:

QUESTIONÁRIO

01 – Você gosta de ler? () Sim () Não

02 – Você se considera um leitor? () Sim () Não

03 – Você pega livros na biblioteca/ cantinho da leitura da sua escola? () Sim () Não

04 – Quem te incentivou a ler?

() Pais - mãe ou pai. () Irmão/Irmã. () Professor (a). () Tias/Tios.

() Outras(os) Quem? _____.

05 – Na sua casa há livros? () Sim () Não

06 – Onde você lê com mais frequência? () Em casa () Escola () Bibliotecas

() Outros lugares – Quais? _____.

07 – No seu dia-a-dia o que costuma ler mais? () Jornais () Revistas () Livros

() Outros – qual/quais? _____.

Apêndice 02 – Roteiro da Entrevista

Nome:

Sexo: () F () M Idade:

Bairro e Cidade onde mora:

ENTREVISTA

01 – Você se considera um leitora?

02 – Pra você o que é uma pessoa leitora?

03 – O que te faz escolher um livro para ler?

04 – Com que frequência você lê? Onde você se sente mais confortável para ler?

05 – O que fez você gostar de ler?

06 – O que você gosta de ler?

07 – Você tem algum livro favorito? Qual?

08 – Qual o seu gênero literário favorito?

09 – Tem algum livro/leitura que marcou sua vida?

10 – Na escola como foi trabalhada a leitura até o 5º Ano?